

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 123 — Nº 2.116 — JULHO 2005

Perdão e Reparação

*Libertam o Homem
para a vida imortal*

Nesta Edição:

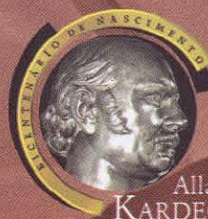
O Espiritismo e as ciências
Perdão e autoperdão
Vencendo nossos medos

R\$ 5,00

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008



Allan
KARDEC
1804 - 2004

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Julho, 2005 / Nº 2.116



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil
Assinatura anual R\$ 39,00
Número avulso R\$ 5,00
Para o Exterior
Assinatura anual US\$ 35,00

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária – Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Assinatura de Reformador:

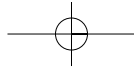
Tel.: (21) 2187-8264 / 8274

E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: Julio Moreira

Tema da Capa: **PERDÃO E REPARAÇÃO** – preceitos da Lei Divina que resultam na prática do Bem e na libertação do Espírito.

EDITORIAL	4
Perdão e Reparação	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	10
O Perdão – <i>Humberto de Campos</i>	
ENTREVISTA: GEZSLER CARLOS WEST	13
A Divulgação por um mundo melhor	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Lógica da Providência – <i>Emmanuel</i>	
FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS	28
Reunião da Comissão Regional Sul	
A FEB E O ESPERANTO	33
<i>Memórias de um Suicida e o Esperanto – Affonso Soares</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	37
Extrato do <i>Jornal do Commercio</i> do Rio de Janeiro – <i>Allan Kardec</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
O Espiritismo e as ciências – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Culpa e resgate – <i>Valentim Magalhães</i>	7
Perdão e autoperdão – <i>Joanna de Ângelis</i>	8
Renovar o homem para transformar a Terra – <i>Robinson Soares Pereira</i>	12
Sem gravata não pode – <i>Richard Simonetti</i>	16
Uma história para contar – <i>Carlos Abranches</i>	18
Eu nada peço a Deus – <i>Paulo Nunes Batista</i>	19
Cumprimento de uma promessa – <i>Severino Barbosa</i>	20
Vencendo nossos medos – <i>Eurípedes Kühl</i>	22
Renúncia com Jesus – <i>Mário Frigéri</i>	25
Editoras espíritas na Bienal do Livro do Rio de Janeiro	26
O jugo leve – <i>Gebaldo José de Sousa</i>	31
Lei de Deus – <i>Maria Dolores</i>	32
Monumento a Kardec em Lyon	35
Perdão e Paz – <i>Corydes Monsorens</i>	38
Repensando Kardec – Da Lei de Igualdade – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	39



Editorial

Perdão e Reparação

A necessidade do perdão – como atitude essencial para a conquista da plenitude espiritual – foi ensinada por Jesus em diversas ocasiões: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celeste vos perdoará”¹, “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”² e “Reconcilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho”³. Destacou, ainda, a importância de perdoar de forma ilimitada: “Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”⁴

Mas o Cristo não se limitou a teorizar sobre o perdão: Do alto da cruz humilhante, submetido a dores extremas, orou por seus algozes, compreendendo-lhes a ignorância: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.”⁵

Antídoto do ódio, o perdão é gesto de generosidade que beneficia muito mais a quem perdoa do que àquele que é perdoado. Sentimentos como ódio, rancor e desejo de vingança escravizam as criaturas, algemando-as a idéias fixas, estados mentais mórbidos, infelicidade e desequilíbrio. Quem perdoa se liberta do grilhão que o mantém prisioneiro. Mas quem é perdoado não está livre da necessidade de reparar o mal cometido. Este, registrado na consciência do Ser, exigirá corrigenda, a fim de que a criatura se reabilite perante a Lei Divina. Mesmo depois de perdoado, sofre o aguilhão do remorso, que lhe cobra reparação dos prejuízos materiais ou morais que causou a outrem.

Jesus assinalou o imperativo de a criatura buscar o reajuste perante Deus e a própria consciência mediante o exercício do amor incondicional. Ao reerguer a mulher que era acusada por seus vícios, o Cristo observa: “Seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou.”⁶

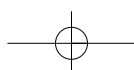
Assim, a reparação que favorece a paz interior virá pela vivência do amor, ao eleger o Bem como prática. Mas poderá ser, também, profundamente dolorosa, quando aquele que foi perdoado permanece em clima de enfermidade moral, recusando-se à grandeza da fraternidade.

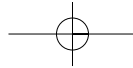
A lição que o Evangelho nos oferece e que a Doutrina Espírita explicita não deixa dúvidas: Não se chega à felicidade, que todos buscam, sem a vivência da lei moral que emana de Deus e que consiste na prática da Caridade. E só praticamos a Caridade, plenamente, perdoadando os outros e reparando nossos erros, sempre!

¹Mateus, 6:14 ⁴Mateus, 18:22

²Mateus, 6:12 ⁵Lucas, 23:34

³Mateus, 5:25 ⁶Lucas, 7:47





O Espiritismo e as ciências

Juvanir Borges de Souza

A Doutrina dos Espíritos, tal como os Espíritos Reveladores a transmitiram ao Codificador, através de diversos médiuns, nada tem de misticismo, de secreto e de mistério.

Essa novel doutrina, oriunda da Espiritualidade Superior, contou, em sua elaboração, com um elemento humano de raras qualificações de saber e de caráter, conquistadas através das eras, que caracterizam o missionário-chefe da Doutrina Espírita como “discípulo emérito do Cristo”.

Em Espiritismo, “a teoria nasceu da observação” como lembra o Codificador. “O que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.” (V. Allan Kardec – *o Educador e o Codificador* – vol. II, cap. V, p. 328.)

Escoimadas de idéias que induzem ao sobrenatural, as revelações trazidas à Humanidade pelos Espíritos caracterizam-se por evidenciar fatos. Há nessas revelações um compromisso constante com a verdade, perfeitamente demonstrável pela razão e inteligência dos próprios homens.

Ora, se as ciências cultivadas pelos homens têm por escopo o conhecimento da verdade, nada justifica a separação e até o combate entre cientistas e spiritistas, uma vez

que uns e outros estão sempre em busca da verdade, dos fatos, das realidades, das leis naturais.

Por que, então, as incompreensões e os antagonismos entre dois campos de idéias tão importantes para os conhecimentos progressivos e para o desenvolvimento e evolução da Humanidade?

A resposta a essa indagação é relativamente fácil, para o espírita convicto e estudioso.

O que tem ocorrido neste mundo ainda tão atrasado, de provas e expiações, é que as ciências, que se têm desenvolvido através de observações, de experiências, de descoberta de leis naturais e de métodos próprios, só se preocupam com um dos elementos do Universo – a *matéria* – deixando de lado o outro elemento, de vital importância – o *espírito*.

Esse fato inusitado, estranho, levou as ciências a se fixarem, por tradição, a um materialismo exclusivista, com sérios prejuízos para elas mesmas e para todas as filosofias de bases e fundamentos materialistas.

No seu afã de saber e de descobrir as Leis que regem tudo o que se encontra na Natureza, cientistas e pensadores materialistas não foram além da matéria, na sua expressão mais grosseira em que se apresenta na Terra.

O resultado desse posicionamento exclusivista com relação ao *espírito* levou o pensamento materialista, quer nas ciências, quer nas

filosofias, a deparar-se com uma realidade imprevista, com fatos inexplicáveis, sem as luzes da realidade espiritual.

Todo conhecimento, metódico e eficaz, há que partir do conhecido para o desconhecido.

Em um mundo material, como a Terra, a matéria é que impressiona mais os sentidos humanos.

Esse fato não exclui, entretanto, a realidade do *espírito*, presente em todos os reinos da Natureza, fato que as ciências, na fase atual em que se encontram, não mais podem negar, diante de tantas comprovações.

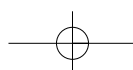
Essa e outras questões congêneres foram objeto de esclarecimentos de parte dos Espíritos Reveladores, em respostas a indagações do Codificador, conforme se observa nas questões 799 e 800 de *O Livro dos Espíritos*:

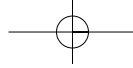
“799 – De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?”

R – “Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses.”

“800 – Não será de temer que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens e do seu apego às coisas materiais?”

R – “Conhece bem pouco os homens quem imagine que





uma causa qualquer os possa transformar como que por encanto. As idéias só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo.”

Esses esclarecimentos, e outros no mesmo sentido, trazidos pela Terceira Revelação, mostram os prejuízos resultantes das idéias materialistas. Presentes na antiguidade clássica, ressurgiram sobre novas bases filosóficas no século XIX, impregnando sobremaneira as ciências, num verdadeiro paradoxo, já que, por definição, toda ciência deveria constituir-se em fonte de sabedoria, de conhecimentos.

Não resta dúvida que o materialismo deve ser destruído, como mostram os Espíritos, e o Espiritismo é, no mundo atual, seu grande opositor, uma vez que as religiões tradicionais, por seus desvios e enfraquecimento, se tornaram impotentes para se lhe oporem.

A *destruição* do materialismo não implica em nenhuma violência. Será resultante do confronto de idéias. As idéias materialistas, baseadas somente na *matéria*, confrontadas com a realidade *matéria-espírito*, não encontram sustentação lógica e desmoronam-se automaticamente. A verdade impõe-se por si mesma, por maior seja a resistência do que é falso.

Conforme instruem os Espíri-

tos na transcrição supra, a transformação das idéias não se faz subitamente, mas sim, de forma gradual, especialmente em casos como os das ciências e cientistas, envolvendo individualidades inteligentes convencidas de que estão com a verdade.

O Espiritismo, como o Consolador, vem demonstrar a realidade, rasgando o véu que a oculta a muitas criaturas. Mas não pode impor suas verdades a quem não as quer aceitar ou aos que não têm ainda condições para a aceitação.

O mais belo exemplo de paciência com a rebeldia dos homens nos vem do Cristo, que só conseguiu convencer uns poucos de seus contemporâneos com a excelência de seus ensinamentos. A grande maioria rejeitou sua Mensagem, perseguindo-O e crucificando-O.

No caso dos erros conceituais das ciências, as retificações virão com a evolução natural, com o poder da razão e com a atuação das leis divinas, dentre as quais as da reencarnação e do progresso, que atuam direta e poderosamente no sentido da retitude como se pode observar no curso da história humana, no decorrer dos séculos e milênios.

Há, entretanto, uma profunda diferença na marcha das ciências e do Espiritismo, em função de suas origens.

Enquanto as ciências, partindo da concepção errônea da existência de um só elemento universal – a matéria – só atingiram o nível atual após muitos séculos de pesquisas e observações, com retificações constantes, o Espiritismo, com sua origem na Espiritualidade Superior, demonstrou, em sua Doutri-

na, uma segurança de tal ordem que seus princípios fundamentais, formulados há menos de século e meio, não necessitaram de nenhuma reformulação, apesar de todos os progressos alcançados pela Humanidade, nesse período.

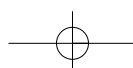
Esse fato demonstra a segurança de uma realidade evidenciada pela Nova Revelação, que não despreza as leis que regem a matéria descobertas pelas ciências, mas vai muito além nas observações dos fenômenos da vida, nos quais está presente o *espírito*, ignorado pela influência do materialismo.

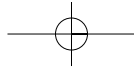
Enquanto as ciências necessitam de reajustamentos, diante de novas descobertas, como tem ocorrido nos campos da Astronomia, da Física, da Química, da Medicina, o Espiritismo permanece íntegro em suas bases, sem prejuízo dos desdobramentos de muitos conhecimentos antes revelados, o que lhe permite acompanhar o progresso sem derrogação dos fundamentos essenciais.

As próprias descobertas realizadas pelas ciências, em seus campos de ação, são absorvidas e aceitas pela Doutrina Espírita, desde que baseadas em fatos decorrentes das leis divinas ou naturais.

“(…) Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”

Esse princípio enfatizado pelo Codificador, com a concordância dos Espíritos Reveladores, constante do cap. I, item 55 de *A Gênese*, dá à Doutrina a segurança que todos desejamos, sem os prejuízos do ab-





solutismo e autocracia dos mal informados a respeito dos fundamentos doutrinários.

A Doutrina dos Espíritos é a última das revelações trazidas pela Espiritualidade aos habitantes deste Planeta. Ela veio na época adequada, no “século das luzes”, em que os homens do mundo ocidental, a par de conquistas importantes, como a liberdade, ao lado da fraternidade, como aspiração para toda a Humanidade, deixaram-se envolver por doutrinas materialistas.

O Espiritismo é o opositor natural às doutrinas materialistas que dominaram as massas humanas nos séculos XIX e XX, com consequências graves na organização social de diversos países, na legislação humana e na concepção da vida.

Ao mesmo tempo visa a Doutrina demonstrar às ciências, sem a pretensão de substituí-las, ou de ocupar o lugar que lhes compete, que todas elas têm compromisso com a verdade, com a realidade, com os fatos e, nesse caso, não mais se justifica, em pleno terceiro milênio da Era Cristã que elas desconheçam o elemento espiritual, presente em todo o Universo.

Mesmo em um mundo material, como a Esfera em que vivemos, a presença do Espírito é tão evidente, nos fenômenos da vida, que se torna difícil conceber a sua inexistência, especialmente por homens inteligentes acostumados às pesquisas dos fatos.

Antes do surgimento da Terceira Revelação, os homens, religiosos ou não, apenas formulavam hipóteses a respeito de seu futuro, após a morte: o nada, o inferno ou o paraíso.

Agora, entretanto, a certeza da

continuação da vida fora da matéria densa é fato comprovado.

São os seres espirituais que se apresentam e relatam a realidade, materializam-se e se desmaterializam em experiências controladas, com todo o rigor, por sábios humanas, como ocorreu com William Crookes.

Como entender-se o posicionamento da maioria dos cientistas, representando suas ciências, negando fatos comprovados, se seus compromissos são com a verdade?

A Doutrina Espírita, em seus desdobramentos após a Codificação, mostra em sua rica literatura detalhes da vida espiritual em situações felizes e infelizes, nas quais os seres prosseguem em suas experiên-

cias, progredindo ou estacionando, reencarnando ou habitando na Esfera em que se encontram.

Toda essa riqueza de informações, que os espíritas estudiosos conhecem e aceitam com naturalidade, precisa chegar ao conhecimento dos religiosos de todas as crenças e aos dedicados ao cultivo das diversas ciências.

Superando os homens o preconceito contra o que lhes é desconhecido, uma humanidade espiritual se desvenda à humanidade corporal, com extraordinário progresso para as ciências e as religiões, já que chegou o tempo em que o mundo invisível se apresenta ao visível, como duas faces da mesma realidade. ■

Culpa e resgate

– Senhora, compaixão! – a moça triste implora.
– Não merece perdão a mulher que se aluga!...
Acabarei contigo, infame sanguessuga!... –
Grita no espancamento a impassível senhora.

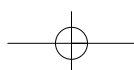
A vítima doente anseia, tomba e chora,
Tremendo, a soluçar, sob o pé que a subjuga...
Rompe-se um grande vaso... E o sangue rola em fuga.
A morte arranja o fim... Tudo é silêncio agora...

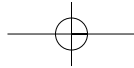
A ré que ninguém viu, como se nada houvera,
Continua a viver qual flor na primavera,
Mas a Lei vigilante assinala-lhe a trilha.

E antes que a dama nobre em remorsos se adentre,
A alma da moça triste acolhe-se-lhe ao ventre
E ela estende-lhe o seio, enlaçando-a por filha...

Valentim Magalhães

Fonte: XAVIER, Francisco C. VIEIRA, Waldo. *Antologia dos Imortais*, por Diversos Espíritos. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 273.





Perdão e autoperdão

Toda vez em que a culpa não emerge de maneira consciente, são liberados conflitos que a mascaram, levando a inquietações e sofrimentos sem aparente causa.

Todas as criaturas cometem erros de maior ou menor gravidade, alguns dos quais são arquivados no inconsciente, antes mesmo de passarem por uma análise de profundidade em torno dos males produzidos, seja de referência à própria pessoa ou a outrem.

Cedo ou tarde, ressumam de maneira inquietadora, produzindo mal-estar, inquietação, insatisfação pessoal, em caminho de transtorno de conduta.

A culpa é sempre responsável por vários processos neuróticos, e deve ser enfrentada com serenidade e altivez.

Ninguém se pode considerar irretocável enquanto no processo da evolução.

Mesmo aquele que segue retamente o caminho do bem está sujeito a alternância de conduta, tendo em vista os desafios que se apresentam e o estado emocional do momento.

Há períodos em que o bem-estar a tudo enfrenta com alegria e naturalidade, enquanto que, noutras ocasiões, os mesmos incidentes produzem distúrbios e reações imprevisíveis.

Todos podem errar, e isso acontece amiúde, tendo o dever de perdoar-se, não permanecendo no equívoco, ao tempo em que se esforcem para reparar o mal que fizeram.

Muitos males são ao próprio indivíduo feitos, produzindo remorso, vergonha, ressentimento, sem que haja coragem para revivê-los e liberar-se dos seus efeitos danosos.

Uma reflexão em torno da humanidade de que cada qual é possuidor permitir-lhe-á entender que

Seja qual for a gravidade do ato infeliz, é possível repará-lo quando se está disposto a fazê-lo

existem razões que o levam a reagir, quando deveria agir, a revidar, quando seria melhor desculpar, a fazer o mal, quando lhe cumpriria fazer o bem...

A terapia moral pelo autoperdão impõe-se como indispensável para a recuperação do equilíbrio emocional e o respeito por si mesmo.

Torna-se essencial, portanto, uma reavaliação da ocorrência, num exame sincero e honesto em torno

do acontecimento, diluindo-o racionalmente e predispondo-se a dar-se uma nova oportunidade, de forma que supere a culpa e mantenha-se em estado de paz interior.

O autoperdão é essencial para uma existência emocional tranqüila.

Todos têm o dever de perdoar-se, buscando não reincidir no mesmo compromisso negativo, desamarrando-se dos cipós constringentes do remorso.

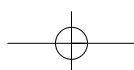
Seja qual for a gravidade do ato infeliz, é possível repará-lo quando se está disposto a fazê-lo, recobrando o bom humor e a alegria de viver.

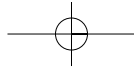
...

Em face do autoperdão, da necessidade de paz interior inadiável, surge o desafio do perdão ao próximo, àquele que se tem transformado em algoz, em adversário contínuo da paz.

Uma postura psicológica ajuda de maneira eficaz e rápida o processo do perdão, que consiste na análise do ato, tendo em vista que o outro, o perseguidor, está enfermo, que ele é infeliz, que a sua peçonha caracteriza-lhe o estado de inferioridade.

Mediante este enfoque surge um sentimento de compaixão que se desenvolve, diminuindo a reação emocional da revolta ou do ódio, ou da necessidade de revide, descedo ao mesmo nível em que ele se encontra.





O célebre cientista norte-americano Booker T. Washington, que sofreu perseguições inomináveis pelo fato de ser negro, e que muito ofereceu à cultura e à Agricultura do seu país, asseverou com nobreza: *Não permita que alguém o rebaixe tanto a ponto de você vir a odiá-lo.*

Desejava dizer que ninguém deve aceitar a ojeriza de outrem, o seu ódio e o seu desdém a ponto de sintonizar na mesma faixa de inferioridade.

Permanecer acima da ofensa, não deixar-se atingir pela agressão moral constituem o antídoto para o ódio de fácil irrupção.

Sem dúvida, existem os invejosos, que se comprazem em denegrir aquele a quem consideram rival, por não poderem ultrapassá-lo; também enxameiam os odientos, que não se permitem acompanhar a ascensão do próximo, optando por criar-lhes todos os embaraços possíveis; são numerosos os poltrões que detestam os lidadores, porque pensam que os colocam em postura inferior e se movimentam para dificultar-lhes a marcha ascensional; são incontáveis aqueles que perderam o respeito por si mesmos e auto-realizam-se agredindo os lidadores do dever e da ordem, a fim de nivelá-los em sua faixa moral inferior...

Deixa que a compaixão tome os teus sentimentos e envolve-os na lã da misericórdia, quanto gostarias que assim fizessem contigo, caso ainda te detivesses na situação em que eles estagiam.

Perceberás que um sentimento de compreensão, embora não de convivência com o seu erro, tornará conta de ti, impulsionando-

te a seguir adiante, sem que te perturbes.

Sob o acicate desses infelizes, aos quais tens o dever de compreender e de perdoar, *porque não sabem o que fazem*, ignorando que a si mesmos se prejudicam, seguirás confiante e invencível no rumo da montanha do progresso.

Ninguém escapa, na Terra, aos processos de sofrimento infligido por outrem, em face do estágio espiritual em que se vive no Planeta e da população que o habita ainda ser constituída por Espíritos em fases iniciais de crescimento intelecto-moral.

O problema será sempre de quem erra, jamais da vítima, que se depura e se enobrece

Não te detenhas, porque não encontres compreensão, nem porque os teus passos tenham que enfrentar armadilhas e abismos que saberás vencer, caso não te permitas compartilhar das mesmas atitudes dos maus.

Chegarás ao termo da jornada vitoriosamente, e isso é o que importa.

O eminente sábio da Grécia, Sólon, costumava dizer que nada pior do que *o castigo do tempo*, referindo-se às ocorrências inesperadas e inevitáveis da sucessão dos dias. Nunca se sabe o que irá acontecer logo mais e como se agirá.

Dessa forma, faz sempre todo o bem, ajuda-te com a compaixão e o amor, alçando-te a paisagens mais nobres do que aquelas por onde deambulas por enquanto.

...

Perdoa-te, portanto, perdoando, também, ao teu próximo, seja qual for o crime que haja cometido contra ti.

O problema será sempre de quem erra, jamais da vítima, que se depura e se enobrece.

Pilatos e Jesus defrontaram-se em níveis morais diferentes.

A astúcia e a soberba num, a sua glória mentirosa e a sua fatuidade desmedida.

A humildade real, a grandeza moral e a sabedoria profunda no outro, que era superior ao biltre representante do poder terreno de César.

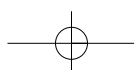
Covarde e pusilânime, Pilatos não lhe viu culpa, mas não o liberou, porque estava embriagado de ilusão sensorial, lavando as mãos, em torno da Sua vida, porém, não se liberando da responsabilidade na consciência.

Estóico e consciente Jesus aceitou a imposição arbitrária e infame, deixando-se erguer numa cruz de madeira tosca, a fim de perdoar a todos e amá-los uma vez mais, convidando-os à felicidade.

Perdoa, pois, e autoperdoa-te!

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão da noite de 4 de janeiro de 2005, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)



PRESENÇA DE CHICO XAVIER

O Perdão

As primeiras peregrinações do Cristo e de seus discípulos, em torno do lago, haviam alcançado inolvidáveis triunfos. Eram doentes atribulados que agradeciam o alívio buscado ansiosamente; trabalhadores humildes que se enchiam de santas consolações ante as promessas divinas da Boa Nova.

Aquelas atividades, entretanto, começaram a despertar a reação dos judeus rigoristas, que viam em Jesus um perigoso revolucionário. O amor que o profeta nazareno pregava vinha quebrar antigos princípios da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as palestras dos escravos, que permutavam imenso júbilo, proveniente das esperanças num novo reino que não chegavam a compreender. Os mais egoístas pretendiam ver no profeta generoso um conspirador vulgar, que desejava levantar as iras populares contra a dominação de Herodes; outros presumiam na sua figura um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.

Foi assim que a viagem do Mestre a Nazaré redundou numa excursão de grandes dificuldades, provocando de sua parte as observações quase amargas que se encontram no Evangelho, com respeito ao berço daqueles que o deveriam guardar no santuário do coração.

Não foram poucos os adversários de suas idéias renovadoras que o precederam na cidade minúscula, buscando neutralizar-lhe a ação por meio de falsas notícias e desmoralizá-lo, argumentando com informações mal alinhavadas de alguns nazarenos.

Jesus sentiu de perto a delicadeza da situação que se lhe criara com a primeira investida dos inimigos gratuitos de sua doutrina; mas, aproveitou todas as oportunidades para as melhores ilações na esfera do ensinamento.

No entanto, o mesmo não aconteceu a seus discípulos. Filipe e Simão Pedro chegaram a questionar seriamente com alguns senhores da região, trocando palavras ásperas, em torno das edificações do Messias. As gargalhadas irônicas, as apreciações menos dignas lhes acendiam no ânimo propósitos impulsivos de defesas apaixonadas. Não faltavam os que viam no Senhor um servo ativo do espírito do mal, um inimigo de Moisés, um assecla de príncipes desconhecidos, ou de traidores ao poder político de Ântipas. Tantas foram as discussões em Nazaré, que os seus reflexos nocivos se faziam sentir fortemente sobre toda a comunidade dos discípulos. Pedro e André advogavam a causa do Mestre com expressões incisivas e sinceras. Tiago aborrecia-se com a análise dos companheiros. Levi protestava, expressando o desejo de instituir debates públicos, de maneira a evidenciar-se a superioridade dos

ensinos do Messias, em confronto com os velhos textos.

Jesus compreendeu os acontecimentos e, calmamente, ordenou a retirada, afastando-se da cidade com tranqüilo sorriso.

Não obstante a determinação e apesar do regresso a Cafarnaum, a maioria dos apóstolos prosseguiu em discussão, estranhando que o Mestre nada fizesse, reagindo contra as envenenadas insinuações a seu respeito.

...

Daí a alguns dias, obedecendo às circunstâncias ocorrentes naquela situação, Pedro e Filipe procuraram avistar-se com o Senhor, ansiosos pela claridade dos seus ensinamentos.

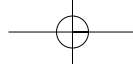
— Mestre, chamaram-vos servo de Satanás e reagimos prontamente! — dizia Pedro, com sinceridade ingênua.

— Observávamos que por vós mesmo nunca oporíeis a contradição — juntava Filipe, convicto de haver prestado excelente serviço ao Mestre bem-amado — e por isso revidamos aos ataques com a maior força de nossas expressões.

Não obstante o calor daquelas afirmativas, Jesus meditava com uma doce placidez no olhar profundo, enquanto os interlocutores o contemplavam, ansiando pela sua palavra de franqueza e de amor.

Final, saindo de suas reflexões silenciosas, o Mestre interrogou:

— Acaso poderemos colher uvas nos espinheiros? De modo algum



me empenharia em Nazaré numa contradita estéril aos meus opositores. Contudo, procurei ensinar que a melhor réplica é sempre a do nosso próprio trabalho, do esforço útil que nos seja possível. Nesse particular, não deixei de operar na minha esfera de ação, de modo a produzir resultados a nossa excursão à cidade vizinha, tornando-a proveitosa, sem desdenhar as palavras construtivas no instante oportuno. De que serviriam as longas discussões públicas, inçadas de doestos e zombarias? Ao termo de todas elas, teríamos apenas menores probabilidades para o triunfo glorioso do amor e maiores motivos para a separatividade e odiosas dissensões. Só devemos dizer aquilo que o coração pode testificar mediante atos sinceros, porque, de outra forma, as afirmações são simples ruído sonoro de uma caixa vazia.

– Mestre – atalhou Filipe, quase com mágoa –, a verdade é que a maioria de quantos compareceram às pregações de Nazaré falava mal de vós!

– Mas, não será vaidade exigirmos que toda gente faça de nossa personalidade elevado conceito? – interrogou Jesus com energia e serenidade. – Nas ilusões que as criaturas da Terra inventaram para a sua própria vida, nem sempre constitui bom atestado da nossa conduta o falarem todos bem de nós, indistintamente. Agradar a todos é marchar pelo caminho largo, onde estão as mentiras da convenção. Servir a Deus é tarefa que deve estar acima de tudo e, por vezes, nesse serviço divino, é natural que desagradosmos aos mesquinhos interesses humanos. Filipe, sabes de algum emissário de Deus que fosse bem

apreciado no seu tempo? Todos os portadores da verdade do céu são incompreendidos de seus contemporâneos. Portanto, é indispensável consideremos que o conceito justo é respeitável, mas, antes dele, necessitamos obter a aprovação legítima da consciência, dentro de nossa lealdade para com Deus.

– Mestre – obtemperou Simão Pedro, a quem as explicações da hora calavam profundamente –, nos acontecimentos mais fortes da vida, não deveremos, então, utilizar as palavras enérgicas e justas?

– Em toda circunstância, convém naturalmente que se diga o necessário, porém, é também imprescindível que não se perca tempo.

Deixando transparecer que as elucidações não lhe satisfaziam plenamente, perguntou Filipe:

– Senhor, vossos esclarecimentos são indiscutíveis; entretanto, preciso acrescentar que alguns dos companheiros se revelaram insuportáveis nessa viagem a Nazaré: uns me acusaram de brigão e desordeiro; outros, de mau entendedor de vossos ensinamentos. Se os próprios irmãos da comunidade apresentam essas falhas, como há de ser o futuro do Evangelho?

O Mestre refletiu um momento e retrucou:

– Estas são perguntas que cada discípulo deve fazer a si mesmo. Mas, com respeito à comunidade, Filipe, pelo que me compete esclarecer, cumpre-me perguntar-te se já edificaste o reino de Deus no íntimo do teu espírito.

– É verdade que ainda não – respondeu, hesitante, o apóstolo.

– De dentro dessa realidade, podes observar que, se o nosso colégio fosse constituído de irmãos

perfeitos, teria deixado de ser irrepreensível pela adesão de um amigo que ainda não houvesse conquistado a divina edificação.

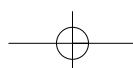
Ambos os discípulos compreenderam e se puseram a meditar, enquanto o Cristo continuava:

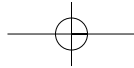
– O que é indispensável é nunca perdermos de vista o nosso próprio trabalho, sabendo perdoar com verdadeira espontaneidade de coração. Se nos labores da vida um companheiro nos parece insuportável, é possível que também algumas vezes sejamos considerados assim. Temos que perdoar aos adversários, trabalhar pelo bem dos nossos inimigos, auxiliar os que zombam da nossa fé.

Nesse ponto de suas afirmativas, Pedro atalhou-o, dizendo:

– Mas, para perdoar não devemos aguardar que o inimigo se arrependa? E que fazer, na hipótese de o malfetor assumir a atitude dos lobos sob a pele da ovelha?

– Pedro, o perdão não exclui a necessidade da vigilância, como o amor não prescinde da verdade. A paz é um patrimônio que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado. Se o nosso irmão se arrepende e procura o nosso auxílio fraterno, amparemo-lo com as energias que possamos despendar; mas, em nenhuma circunstância cogites de saber se o teu irmão está arrependido. Esquece o mal e trabalha pelo bem. Quando ensinei que cada homem deve conciliar-se depressa com o adversário, busquei salientar que ninguém pode ir a Deus com um sentimento de odiosidade no coração. Não poderemos saber se o nosso adversário está disposto à conciliação; todavia, podemos garantir que nada se fará





sem a nossa boa vontade e pleno esquecimento dos males recebidos. Se o irmão infeliz se arrepender, estejamos sempre dispostos a ampará-lo e, a todo momento, precisamos e devemos olvidar o mal.

Foi quando, então, fez Simão Pedro a sua célebre pergunta:

– “Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?”

Jesus respondeu-lhe, calmamente:

– Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

...

Daí por diante, o Mestre sempre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão recíproco, entre os homens, na obra sublime da redenção.

Acusado de feiticeiro, de servo de Satanás, de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o máximo de boa vontade para com os espíritos mais rasteiros de seu tempo. Sem desprezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitória do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E no dia inesquecível do Calvário, em frente dos seus perseguidores e verdugos, revelando aos homens ser indispensável a imediata conciliação entre o espírito e a harmonia da vida, foram estas as suas últimas palavras – “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!...”

Humberto de Campos

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Boa Nova*. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 10, p. 68-73.

Renovar o homem para transformar a Terra

Robinson Soares Pereira

Renovar significa refazer, tornar novo, mudar para melhor, inovar, reinventar. Em função disso, “renovar” significa rever conceitos, atitudes, comportamentos, posturas e ações com que já estamos acostumados e com as quais, muitas vezes, não estamos dispostos a “negociar” uma mudança, se não total pelo menos parcial. Isso, raciocinando num ponto de vista material da existência.

A coisa se complica de fato quando essa renovação visa mexer nos nossos valores morais. Aí, o “sacrifício” será muito maior. Pois muitas vezes nos leva a uma aparente “perda” de valores que tínhamos como verdades e dos quais até mesmo nos nutríamos. Significa, na maioria dos casos, uma mudança tão profunda, que até nós mesmos nos estranhemos o quanto diferentes ficamos.

Logo, essa perda aparente do início se transforma em ganho de uma vida melhor, mais equilibrada, objetiva e consistente. Apoiada em valores reais, que não se modificam com as nuances do tempo e das circunstâncias.

Quando essa renovação tem por base uma religião com origem nos ensinamentos de Jesus, e sua aplicabilidade passa pela prática do Evangelho na sua maior pureza, já não são mais capazes de perturbar a

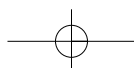
tranquilidade do ser como antes, sejam quais forem. Pois a sua estabilidade moral está intimamente ligada ao conhecimento da vida e do que Jesus espera de nós.

Até o sofrer ganha nova forma dentro de uma resignação, não comodista, mas compromissada com as Leis Naturais de causa e efeito – ação e reação –, mostrando que nada passa impune à justiça divina.

A renovação, quando efetivada de fato, torna-se irreversível, dando uma tranquilidade definitiva naquele que a possui. E como Paulo de Tarso, aquele que se renovou, colocando Jesus dentro do seu coração, poderá finalmente dizer: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.” (Gálatas, 2:20)

Como consequência natural, essa renovação leva o ser a tornar-se um homem de bem, que cumpre a Lei de Justiça, de Amor e de Caridade na sua maior pureza, de acordo com a questão 918 de *O Livro dos Espíritos* e com o capítulo XVII, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que trata de “O homem de bem”.

Quando isso estiver acontecendo, na maior parte da humanidade terrena, e o mal for tão insignificante no contexto social, que se torne desprezível nas estatísticas comportamentais do homem, aí sim, teremos o nosso planeta Terra transformado pela prática do amor ao próximo e respeito às Leis de Deus. ■



ENTREVISTA: GEZSLER CARLOS WEST

A Divulgação por um mundo melhor

Gezsler Carlos West, Presidente da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE), esclarece sobre as atividades dessa Entidade Especializada de Âmbito Nacional, e fala sobre a divulgação do Espiritismo

P. – A Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE), é resultante de alterações na designação e nos objetivos da antiga ABRAJEE?

Gezsler – Costumo comparar a caminhada do Movimento Espírita a uma escada, onde cada degrau só existe devido à construção dos anteriores. A Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE) foi um degrau no surgimento da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE), que nasceu de forma mais ampla nos seus objetivos estatutários e conseqüentemente no seu formato de atuação. A nossa missão é “promover e aprimorar a comunicação social espírita, fazendo interagir as idéias espíritas na sociedade de forma ética, fraterna e parceira, contribuindo para a transformação moral da Humanidade, a promoção da felicidade do ser humano e o equilíbrio da Natureza”.

A ABRADE atua sintonizada com os seguintes princípios e valores: não discriminação de qualquer espécie; respeito e independência institucional; priorização dos processos democráticos e participati-



Gezsler Carlos West

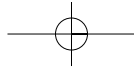
vos; intercâmbio de forma ampla e alteritária com a sociedade.

De forma macro, as nossas atuais prioridades na área da comunicação social espírita estão no aprimoramento das políticas, metodologias e tecnologias de comunicação, na cultura da alteridade e na inserção ética e parceira na sociedade como um todo.

P. – Quais as principais atuações da ABRADE?

Gezsler – A ABRADE em conjunto com as Associações de Divulgadores do Espiritismo (ADEs), que são de âmbito estadual ou municipal, vem desenvolvendo diversas atividades inseridas no seu plano estratégico, onde podemos exemplificar algumas delas: SOS ABRADE –

tem como objetivo interagir com os responsáveis pelos programas espíritas na televisão, na rádio, na mídia impressa e na *Internet*, tanto no Brasil, como em outros países, visando apoiar tecnicamente, realizar cursos específicos e trocar experiências. Estamos trabalhando na construção e no aprimoramento de uma Política de Comunicação Social Espírita (PCSE). Na atual fase de construção coletiva, destacamos as seguintes diretrizes: Aceitar as participações para o debate, mesmo que elas sejam divergentes da maioria; Valorizar o diálogo, o intercâmbio e a liberdade de pensamento; Disseminar a idéia da fraternidade como relação de alteridade; Valorizar a relação com outras identidades culturais; Priorizar as pessoas acima das instituições; Estabelecer a ética da fraternidade como critério de união interinstitucional; Inserir o sujeito não espírita, em regime de diálogo, no debate espírita; Gerar benefícios sociais pela participação em parcerias nas campanhas públicas; Superar quaisquer barreiras discriminatórias e compreender as diferenças; Reconhecer a legitimidade do outro e de sua autonomia. ➤



Atualmente possuímos quatorze listas na *Internet*. Cada uma tem um objetivo específico, mas todas sintonizadas com a missão da ABRADE. Temos listas direcionadas para o aprimoramento da comunicação (rádio, tevê, mídia impressa, *Internet*, palestras), parcerias, divulgação de eventos, arte, juventude, notícias na mídia, entre outras. Temos também uma lista específica para o curso a distância “como falar em público”, que neste momento está atuando na terceira turma. São centenas de pessoas do Brasil e de outros países participando das listas.

O Movimento Alteridade consiste em uma proposta de entendimento entre as pessoas, com base no respeito recíproco e na maturidade de saber ouvir e relacionar-se dentro da diversidade de opiniões. Este movimento não tem donos, é plural e aberto, contando com todas as pessoas que acreditam que o diálogo na diversidade é uma das bases da união. Diversas outras atividades são realizadas: boletim virtual, selo ABRADE, ambiência sobre arte e comunicação, ambiência para os jovens, parcerias institucionais, participação em eventos, entre outras.

P. – Esse trabalho envolve os profissionais espíritas da área?

Gezslar – Sem dúvida, envolve os profissionais espíritas da área como também pessoas não espíritas que queiram colaborar com as nossas atividades. A ABRADE é receptiva nas suas diversas formas de atuação para todos os profissionais da área de comunicação, que com certeza nos ajudarão na formulação e execução de diversos projetos com foco na comunicação social espírita.

Já dizia o escritor alemão Johann Wolfgang Goethe que não existe nada mais triste do que um grupo de pessoas bem-intencionadas, mas sem a necessária capacitação para fazer o que deve ser feito. Todos são importantes, tanto os profissionais da área quanto os que a ela se dedicam das mais variadas formas. Precisamos de todos os homens de bem que queiram colaborar nessa construção, sem nenhuma exceção. Queremos uma equipe ampla e com sinergia.

O Movimento Espírita não tem dono. As instituições devem ser facilitadoras e impulsionadoras de alguns processos, mas as pessoas serão sempre mais importantes do que as mesmas. Este é um dos princípios que norteia a caminhada da ABRADE.

P. – Há alguma interface com a mídia em geral (não espírita)?

Gezslar – Sim, inclusive o foco de uma das nossas listas na *Internet* é debater assuntos de nosso interesse abordados na mídia ou que mereçam ir para a mesma. Visamos com isto uma interação ágil e madura. A ABRADE já se posicionou formalmente para a mídia e para a sociedade sobre diversos assuntos, onde destacamos: guerra no Iraque, fome zero, reportagens publicadas sobre médiuns espíritas, campanha da fraternidade, entre outros. Se um assunto nos interessa, a ABRADE se faz presente de forma firme, nítida e pública, pois consideramos o silêncio da omissão um grande mal. No aspecto organizacional possuímos áreas específicas que atuam voltadas para a sociedade como um todo. Esta cultura de abertura e inserção no dia-a-dia social já está disseminada no âmbito

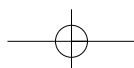
da *equipe abra-deana*. Somos favoráveis a um Espiritismo para todos, filhos e filhas do povo, relembrando o nosso Léon Denis.

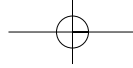
P. – Como contribuir com a difusão do pensamento espírita na mídia sobre temas polêmicos como o aborto?

Gezslar – Na *Revista Espírita* do ano de 1863, Allan Kardec já nos falava dos períodos do Espiritismo, onde com muita propriedade colocou o da *renovação ou regeneração social* como o último. Sou favorável a que nós espíritas participemos de forma ativa nos acontecimentos e decisões que afetem a sociedade, seja o aborto, a corrupção, o desemprego, o efeito estufa, a violência, as drogas, entre outros. A nossa veia de cidadania espírita jamais deverá ser bloqueada ou minimizada. Relembro a afirmação do escritor pernambucano Fernando Clímaco no seu livro *O Canto das Pedras: há silêncios e silêncios...*

Especificamente sobre o aborto, devemos utilizar todos os meios éticos possíveis para conscientização e diálogo com a sociedade, inclusive com quem pensa diferente de nós. Não temos o direito de impor as nossas idéias, mas temos a obrigação de apresentá-las de forma lúcida.

Todos os espaços na mídia e demais eventos devem ser aproveitados, bem como enviar artigos e textos sobre o tema para os órgãos de comunicação e demais instituições da sociedade civil organizada. Temos que ser determinados, mas com o cuidado de não transformarmos este debate no grupo do bem contra o do mal. Já participei de eventos com pessoas que pensavam diferente de mim sobre o aborto,





no entanto não as vi como pessoas más. Elas raciocinavam dentro de um outro contexto e com diferentes convicções filosóficas.

Como um exemplo de determinação sobre o tema, cito o professor Marcondes Meireles, que é espírita e coordena a AJA – Associação Jamais Abortar – Somos Vida –, na cidade do Recife (PE). Ele possui uma deformação óssea genética, que atualmente o deixa aprisionado em uma cadeira de rodas e com sérias limitações físicas, acarretando-lhe muitas privações. No entanto, é um incansável trabalhador a favor da vida.

P. – Qual a sua opinião sobre o atual estágio de divulgação da Doutrina Espírita em nosso país?

Gezslar – Olhando para o passado é notório o crescimento da divulgação do Espiritismo em nosso país. Relembro que quando eu me tornei espírita não conhecia nenhum amigo ou mesmo colega que fosse espírita. Durante o curso universitário era uma dificuldade encontrar alguém espírita ou mesmo que tivesse um conhecimento ao menos razoável sobre o assunto.

Admiro os corajosos empreendedores do passado, bem como não podemos negar o esforço pessoal e institucional que muitos fazem no presente no sentido de tornar o pensamento espírita mais conhecido. O crescimento do número de instituições espíritas, de eventos, programas na rádio, na televisão, entre outros, são indicadores concretos deste esforço.

Todavia, ao lado da alegria dos avanços, temos que ter sempre os “pés no chão” para uma análise crítica construtiva da nossa caminhada, a fim de que possamos corrigir

eventuais equívocos do presente e ao mesmo tempo termos visão de futuro. Vejo a nossa inserção nos chamados meios de comunicação de maior amplitude, onde destacamos a televisão, o rádio, a mídia impressa e a *Internet*, ainda aquém das nossas potencialidades. Estamos tímidos nesta área, onde os espaços hoje existentes são mais frutos de esforços heróicos e pontuais, do que de uma participação mais ostensiva do meio espírita como um todo. Façamos uma rápida análise sobre um estudo que chegou ao meu conhecimento: se cada instituição espírita, de um determinado local analisado, colaborasse com quatro reais mensais teríamos um programa espírita na rádio com um público ouvinte estimado em cinquenta mil pessoas. O programa ainda não existe... Momento de reflexão!

Destaco os seguintes pontos para análises e debates: Agregação das pessoas e das instituições nos projetos de comunicação social espírita; Aprimoramento do processo de captação de recursos financeiros; Reavaliação da nossa linguagem no diálogo com a sociedade; Ampliação de parcerias institucionais na sociedade em causas de interesses comuns.

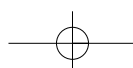
P. – Que sugestão daria para as instituições espíritas potencializarem a difusão do Espiritismo?

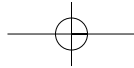
Gezslar – Esta é uma questão ampla e que mereceria mais detalhamentos. No entanto, cito alguns pontos que considero importantes para uma maior efetividade das nossas ações: Interagir com outras instituições, evitando o isolamento, que enfraquece e desatualiza; Priorizar a capacitação na atividade,

tanto na metodologia como na tecnologia; Respeitar e ouvir as diversas vertentes de opiniões e com elas dialogar. Temos que ter a humildade para saber que também temos a aprender com o outro. A nossa convicção não se pode transformar em arrogância; Dialogar, amadurecer e reavaliar no meio espírita os atuais paradigmas sobre a captação de recursos financeiros. Esta questão tem sido um sério entrave no avanço de projetos.

Na ABRADE utilizamos um lema do já desencarnado japonês e especialista em gestão, de nome Ishikawa: *É preferível fazer aproximadamente hoje do que exatamente nunca*. Dentro deste enfoque, estamos sempre procurando o “gol”, sem perdermos energia e tempo com “toques” desnecessários no meio de campo. Temos que ter a qualidade do conteúdo e a ética na atuação, mas precisamos agilizar. Neste momento de transição planetária, devemos interagir no dia-a-dia social com o que temos de melhor e, junto com as pessoas de outras vertentes do pensar, mas bem-intencionadas na busca da paz e da fraternidade, unir esforços por um mundo melhor. Relembro a seguinte passagem em *O Livro dos Espíritos* (FEB – 76ª edição) – Pergunta 932: “Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?” – “Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.” ■

ABRADE – página eletrônica:
www.abrade.com.br;
endereço eletrônico:
abrade@abrade.com.br





Sem gravata não pode

Richard Simonetti

Mateus, 22:1-14

Estabelecendo uma de suas costumeiras comparações, diz Jesus que o Reino dos Céus assemelha-se a um rei que celebrou o casamento de seu filho.

Para as festividades, enviou servos com convites a muita gente. Mas os convidados não se dispuseram a comparecer.

Outros servos receberam a mesma missão, recomendando-lhes o rei:

– Dizei aos convidados que já preparei o banquete. Bois e cevados foram mortos, e tudo está pronto. Que venham ao casamento.

Nova recusa. Alguns convidados foram para o seu campo, outros para os seus negócios.

Outros fizeram pior: Agrediram os servos e os mataram.

Indignado, o rei enviou seu exército, que executou os homicidas e destruiu a cidade.

Disse, então, aos servos:

– O banquete está pronto, mas os convidados não eram dignos. Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas a todos os que encontrardes.

Assim fizeram os servos, que reuniram todos os que encontraram, maus e bons.

O salão das festividades ficou repleto.

Ao chegar, o rei percebeu a presença de um homem que não estava *trajado com as vestes para as núpcias*, isto é, não estava vestido de acordo com a solenidade.

E logo o inquiriu:

– Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial?

O convidado, constrangido, não sabia o que dizer.

Ordenou o rei aos servos:

– Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes.

...

Estranha esta representação de Deus como o rei que faz o convite para as bodas.

Está mais para o Jeová mosaico, que costumava vingar-se até a quarta geração dos que o aborreciam e mandava os judeus passarem a fio de espada, em terra inimiga, tudo o que tivesse fôlego, envolvendo homens e mulheres, velhos e crianças, são e doentes, ricos e pobres, animais, aves, peixes...

Generoso com os que correspondiam às suas expectativas, mas cruel com os que se negavam a atendê-lo.

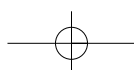
Diferente do pai de amor e justiça anunciado por Jesus.

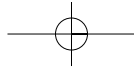
Há outros aspectos indigestos:

- Ninguém se interessou em comparecer ao casamento. É estranho. Afinal, um convite real soa sempre como irrecusável convocação, e haveria lauto banquete, fartos comes e bebes...
- Diante de novo convite, o povo permaneceu alheio. Cada qual foi cuidar de seus interesses. Pior: assassinaram os emissários.
- Por castigo o rei determinou que fosse destruída a cidade, exterminando seus moradores, inclusive os inocentes.
- O convite foi estendido a todos os que fossem encontrados nas estradas, envolvendo bons e maus, são e doentes, e estropiados de todos os matizes, que obviamente compareceram sem trajes adequados, que não possuíam. O rei não levou isso em consideração, logo mandando castigar o primeiro que surgiu à sua frente.

Difícil conceber que seja exatamente assim que Jesus contou essa parábola.

Imagino que, dentro do espírito da época, Mateus, ou quem escreveu em seu nome, agiu como o sapateiro que foi além dos sapatos,





conforme a expressão latina. Extrapolou o conteúdo da história, colocando nos lábios de Jesus o que ele não diria.

É preciso, aqui, como em outras passagens, separar o joio do trigo e definir o que o Mestre realmente ensinou.

Em princípio, podemos considerar que os antigos usavam a imagem do casamento para simbolizar os pactos de Deus com os homens, favorecendo-os com suas benesses, desde que observassem sua vontade.

Na parábola os judeus eram os primeiros convidados para o matrimônio, depositários da nova aliança, envolvendo os ensinamentos cristãos.

As lições de Jesus, um aperfeiçoamento da revelação mosaica, deveriam estar inseridas no Judaísmo, em desdobramento natural e cumulativo, como acontece em qualquer ramo de conhecimento.

Não há, por exemplo, várias astronomias. O que temos é o acrescentar de conhecimentos, desde as idéias primitivas em que as estrelas, o Sol e a Lua eram situados por meros enfeites celestes.

Ocorre que os judeus cristalizaram-se em torno de conceitos dogmáticos e rejeitaram a renovação proposta por Jesus que, em princípio, falou nas sinagogas e no templo.

Foi expulso deles.

Depois, foi perseguido e morto, o mesmo acontecendo com seus discípulos.

Então, o convite foi estendido ao povo, fora dos círculos religiosos, nas *encruzilhadas*...

E surgiu o Cristianismo.

No século dezenove veio a re-

velação espírita, desdobramento e aperfeiçoamento do Cristianismo.

Repetiu-se o mesmo problema.

O Cristianismo, ao longo dos séculos, cristalizou-se em torno de princípios dogmáticos, ligou-se ao materialismo e passou a negar, veementemente, a possibilidade de intercâmbio com o Além, paradoxo tanto maior quando se recorda que Jesus conversava com os Espíritos, o mesmo acontecendo com a primitiva comunidade cristã.

Recusado o convite, os arautos da nova revelação foram também para as *encruzilhadas*, e o Espiritismo situou-se como nova opção,

**O Espiritismo
simboliza o
banquete de luzes
a que somos
convidados**

não como o desdobramento do Cristianismo, o que foi lamentável.

...

Os que comparecem ao Centro Espírita são os convidados novos.

Como está na parábola, não há distinção de condição social, raça, cor, posição social, moral, intelectual...

Todos podemos desfrutar de suas bênçãos.

O Espiritismo simboliza o banquete de luzes a que somos convidados.

Sabem do valor da Doutrina Espírita os que se abeberaram de seus

ensinamentos e, principalmente, aqueles que enfrentam dramas pessoais, envolvendo a morte de um ente querido, a doença grave, o desastre financeiro, a decepção sentimental, os desequilíbrios da sensibilidade...

Há apenas uma condição: que estejamos convenientemente trajados.

Obviamente não se trata da roupa do corpo, mas das vestes espirituais, envolvendo nossos sentimentos e a maneira como nos comportamos em relação à Doutrina.

Na primeira metade do século XX não havia televisão. Automóveis, poucos, importados. Computador, internet, nem na imaginação!

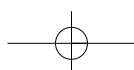
A única diversão era o cinema.

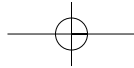
Lembro-me do ritual para comparecer. Obrigatório o uso de paletó e gravata. Mesmo no verão, temperatura de quarenta graus em salas de projeção enormes e mal ventiladas, não eram dispensados. Em Bauru, nosso cinema maior, com duas mil poltronas, mantinha um serviço de aluguel de gravatas, para *quebrar o galho*.

Hoje há liberdade até exagerada. Os cinéfilos comparecem à vontade, não raro cometendo excessos, em trajes sumários.

Sob o ponto de vista espiritual, quando comparecemos à atividade religiosa, nos templos, nas igrejas, no Centro Espírita, não podemos esquecer o essencial: que estejamos convenientemente trajados, não apenas sob o ponto de vista formal.

Que compareçamos *engravatados*, espiritualmente falando, simbolizando seriedade de propósitos.





Que não estejamos interessados apenas em receber os favores da Espiritualidade, sem nenhum envolvimento com propósitos de renovação.

Diga-se de passagem, não há *gravatas* para *quebrar o galho*.

Não dá para sermos bons na atividade religiosa, achando tudo muito bonito, muito edificante e lá fora sermos outra pessoa.

É preciso estarmos sempre *engravatados*.

Essa disposição íntima, simbolizada pela gravata, é o nosso *crachá*, marcando a disposição em participar do banquete, integrando-nos no esforço do Bem.

Que as pessoas vejam nossa *gravata*, onde estivermos, identificando nossa condição de discípulos do Cristo.

Que possam dizer:

— É gente boa! Gente do Cristo!

Por outro lado, podemos avaliar se estamos trajados convenientemente, observando os resultados de nossos contatos com o Espiritismo.

Estamos em paz, não obstante os dissabores e lutas próprios da Terra?

Guardamos a consciência de nossos deveres diante do próximo?

Estamos mais disciplinados e comedidos?

Contemos a língua, exercitemos o cérebro, damos espaço ao coração?

Movimentamos as mãos no esforço do Bem?

Ótimo!

Se acontece diferente, é bom dar uma olhada no *espelho d'alma*.

Talvez estejamos sem gravata. ■

Uma história para

dos, mesmo que a vida se incumbisse de, um dia, afastar este ou aquela do lar, por este ou aquele motivo...

...

Eles não queriam, mas não conseguiram evitar um certo desânimo ao perceber que o recado silencioso do lar era o de convocá-los à sublime tarefa de transformar os filhos em pessoas, e não apenas em seres preparados para encarar os desafios da profissão e da sobrevivência.

Sentiram alívio quando intuíram que o que havia sido feito não se perderia, mas que o essencial era o que lhes teria exigido trabalho diário, presença viva e participante, comprometimento, entrega e confissão diária de amor pleno e absoluto pelos filhos. Nem sempre eles estavam presentes para dizer ou afirmar isso, num transbordar de amor necessário.

...

Que saudade daqueles tempos! Seria preciso apenas um olhar para a própria história de vida deles para perceberem que cada convicção, cada atitude de caráter do homem de agora foi forjada nos pequenos diálogos com o pai ou a mãe lá na infância, talhados à sombra dos quintais ou no cantinho da cama de dormir, quando um deles vinha e contava histórias de sua própria vida.

Aquelas lembranças tornaram-se hoje paradigmas. A alegria dos

Esta é uma história para ser contada em família. Um enredo que só existe porque um dia um homem e uma mulher decidiram ser pais e tiveram um, dois filhos, ou quantos a vida lhes proporcionou.

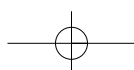
E aí os dois decidiram que o mais importante para a criancada seria dar-lhes educação, uma boa escola, bons amigos, excelente formação. Para que isso se consolidasse, seria preciso boas atividades extracurriculares, cuidados adequados com a rotina escolar.

E as crianças cresceram. Só que outros desafios chegaram, e algumas conclusões dessa vivência vieram acompanhadas de angústia e tristeza.

...

Os pais descobriram que estudo e formação eram, sim, e são muito importantes. Mas acabaram compreendendo que havia algo que deveria ter vindo primeiro, antes da escola, ou paralelo a ela, mas com forte peso de importância. Era uma história de vida, uma carga preciosa a ser carregada na memória afetiva dos pequenos.

Aos poucos, foram notando que as páginas desse produto da convivência nascia no dia-a-dia da vida familiar, no nascimento e fortalecimento dos vínculos entre to-



contar

Carlos Abranches

pais solidificou a esperança dos filhos; a tristeza desta ou daquela experiência menos feliz deles estruturou-se em alerta na consciência da criança, para que a dor de quem se ama não volte a doer em quem está crescendo e quer ser feliz.

Eles descobriram que havia tempo – e sempre o há, para quem não desiste nunca de ser feliz – de reunir os pequenos (não mais tão pequenos assim) e contar-lhes muitas, ou todas as histórias possíveis, de suas vidas...

Notaram que é contando o que eles foram e o que são que os seus vão aos poucos construindo suas próprias identidades pessoais. Não há problema se haverá contestações, ou aflorar de mágoas e ressentimentos. Esta é a hora de pedir-se perdão e de lembrar-se o quanto os outros foram e são importantes para nós.

Um filho com emprego! Como é bom ver uma parte de nós bem encaminhada na vida. Só que nem sempre é assim. Eles podem não conseguir, e as circunstâncias difíceis dos tempos atuais revelam isso de forma dura e cruel.

Mas nestes dias de disputa brutal por espaço na vida econômica, nem todos tiveram a riqueza de poder saber quem são os que os amam, como é a família a que pertencem e o mundo que os espera. Isso só se conquista com disponibilidade para amar e tempo para dizer ao filho que ele não está sozinho, que pode investir no conhecimento de si mesmo para se entender melhor e,

por fim, encontrar o espaço que lhe cabe ocupar na existência.

...

Esta é uma história que poderia terminar com um final feliz... Só que, neste caso, ela não termina. Não deve terminar. Ela continua em você, em seus filhos. Prossegue como deveriam prosseguir seus encontros com suas crianças ou filhos já adultos.

Mesmo que hoje você chegue tarde em casa, abraçe-os e reserve alguns minutos para lhes falar de sua infância. Recoste-se na cama; no chão da sala, reúna-os e fale de seus brinquedos preferidos, dos amigos que marcaram seu afeto, dos joguinhos de que participava, das aventuras que viveu com os colegas, das lágrimas de saudade ver-

tidas nos primeiros adeuses, dos sopros de alegria que vieram junto com as primeiras conquistas.

Conte, fale, dispa-se, entregue-se por inteiro a quem lhe dá alegrias mas que está meio distante, por esta ou aquela circunstância de sua vida pessoal.

Sempre há tempo de começar, e os que nasceram sob nossa responsabilidade sempre vão nos ser gratos porque um dia tivemos a disponibilidade de lhes falar de nós, para que eles também comessem a construir a própria memória familiar, a fim de dizer aos filhos, quando estes chegarem, que lá atrás tiveram pais dispostos a partilhar com eles do verdadeiro tesouro que a traça não corrói – uma história em comum, guardada dentro de mim, que eu tenho para contar... ■

Eu nada peço a Deus

Paulo Nunes Batista

Eu nada peço a Deus. Deus sabe tudo
e sabe então de tudo o que eu preciso.
Nem espero algum Dia de Juízo
pra ser julgado... Enfim, já não me iludo.

O que dizer a Deus? Humilde mudo,
hoje diante de Deus me conscientizo
de que Ele vive em mim – à Luz me iriso
e me ilumino: Ele é meu conteúdo.

É Deus que me dá tudo: Ele é a vida
que vivo e que me vive e em que me agito,
nem mesmo pela noite interrompida...

Se me fiz esse corpo de delito
na inconsciência desta humana lida,
foi Luz que Deus me fez para o Infinito!..

Cumprimento de uma promessa

Severino Barbosa

Em seu livro *O Céu e o Inferno*, que consideramos vasto celeiro de comunicações mediúnicas, conta-nos Allan Kardec* que a garota Clara Rivier, com 10 anos de idade e filha de uma família de camponeses do Sul da França, sofria de grave enfermidade, da qual não se vislumbrava a menor possibilidade de recuperação.

Possuindo pouca instrução, mas demonstrando considerável maturidade espiritual, a garota era resignada e transmitia muito conforto aos seus familiares. Apesar de sua pouca idade, fazia comentários sobre a felicidade que aguardaria na vida espiritual.

Depois de alguns dias de intensos sofrimentos, durante os quais sempre orava buscando o conforto dos bons Espíritos, enfim desencarnou em setembro de 1862. Costumava dizer que não temia a morte e que, uma vez no mundo dos Espíritos, voltaria para visitar a família. Porém, um fato que muito surpreendeu a todos, principalmente a seus genitores, foi, antes de falecer, dizer-lhes: “Apenas tenho cinco minutos de vida; dêem-me as mãos.” A despedida foi realmente comovente.

Fato curioso é que, após a de-

sencarnação de Clara, iniciou-se uma série de fenômenos na residência dos Rivier. Segundo Kardec, em sua narrativa, diversos Espíritos batedores provocavam barulho de toda natureza. Batiam em móveis, sacudiam as cortinas, balançavam as roupas, mexiam nas louças etc. Era um quebra-quebra insuportável.

Incrível, porém, é o fato de o Espírito Clara Rivier tornar-se freqüentemente visível à sua irmã mais nova, de apenas 5 anos, que, após as visões, dizia alegremente: “Mas vejam como Clara é bonita!”

Abrimos um parêntese para explicar que empregamos o termo “incrível” porque, em princípio, segundo as orientações doutrinárias, um Espírito de nível relativamente elevado, como é o caso de Clara Rivier, não se presta à provocação de perturbação em nenhum ambiente. Entretanto, tudo depende dos fins a que pretendem chegar os Espíritos. Nesse sentido, Allan Kardec, ao evocar a garota Clara Rivier já desencarnada, perguntou-lhe como se explicaria tal perturbação em seu recinto doméstico, uma vez que ela na vida física era dotada de bons sentimentos.

O Espírito, em resposta, disse que não retornou ao seu antigo lar sem uma finalidade. E acrescentou que tinha uma missão especial a realizar.

Confirmou que o barulho era realmente provocado por sua pre-

sença, mas era um aviso. E que, para a provocação daqueles fenômenos assustadores, recebia ajuda de Espíritos. Mas, pacíficos.

Declarou que tudo acontecia por uma razão muito justa, mas o seu objetivo era despertar em seus familiares a crença na imortalidade da alma, e assim, certamente muitas convicções desabrochariam; que seus pais, por serem céticos, teriam de passar pela dita provação.

O Espírito Clara esclareceu que as causas dos seus sofrimentos estavam em sua existência anterior. Ela abusou da saúde e da posição de destaque que desfrutou na sociedade. Era orgulhosa e vaidosa da sua beleza física. Precisou voltar, pela reencarnação, para corrigir os abusos, sofrendo, ainda criança, o mal da enfermidade incurável, para aprender a valorizar o tesouro da saúde, bem como a tornar-se humilde e caridosa para com o seu próximo.

Como vemos, a garota Clara Rivier cumpriu a promessa. O seu retorno foi de grande proveito espiritual para os familiares. Depois que todos estavam convictos da sua presença, graças aos fenômenos provocados pelos Espíritos, a seu pedido, deixou sua última mensagem, em cujo final fez especial recomendação: “Queridos pais, estarei sempre perto de vós. Adeus, ou, antes, até à vista. Tende resignação, caridade, amor por vossos semelhantes, e um dia sereis felizes.”

A história da garota Clara Rivier é comovente e expressa a mais viva e substanciosa lição para todos. Pois não devemos esquecer-nos de que somos os andarilhos da evolução e ainda conduzimos, do passado, os vírus do orgulho, da vaidade e do egoísmo. ■

* KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004, Parte 2ª, cap. VIII, p. 498-501.

ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Lógica da Providência

“Depois que fostes iluminados, suportastes grande combate de aflições.”

— Paulo. (Hebreus, 10:32.)

Os cultivadores da fé sincera costumam ser indicados, no mundo, à conta de grandes sofredores.

Há mesmo quem afirme afastar-se deliberadamente dos círculos religiosos, temendo o contágio de padecimentos espirituais.

Os ímpios, os ignorantes e os fúteis exibem-se, espetacularmente, na vida comum, através de traços bizarros da fantasia exterior; todavia, quando se abeiram das verdades celestes, antes de adquirirem acesso às alegrias permanentes da espiritualidade superior, atravessam grandes túneis de tristeza, abatimento e taciturnidade. O fenômeno, entretanto, é natural, porquanto haverá sempre ponderação após a loucura e remorso depois do desregramento.

O problema, contudo, abrange mais vasto círculo de esclarecimentos.

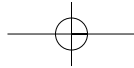
A misericórdia que se manifesta na justiça de Deus transcende à compreensão humana.

O Pai confere aos filhos ignorantes e transviados o direito às experiências mais fortes somente depois de serem iluminados. Só após aprenderem a ver com o espírito eterno é que a vida lhes oferece valores diferentes. Nascer-lhes-á nos corações, daí em diante, a força indispensável ao triunfo no grande combate das aflições.

Os frívolos e oportunistas, não obstante as aparências, são habitualmente almas frágeis, quais galhos secos que se quebram ao primeiro golpe da ventania. Os espíritos nobres, que suportam as tormentas do caminho terrestre, sabem disto. Só a luz espiritual garante o êxito nas provas.

Ninguém concede a responsabilidade de um barco, cheio de preocupações e perigos, a simples crianças.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 60, p. 133-134.



Vencendo nossos medos

Eurípedes Kühl

“Classificamos o medo como dos piores inimigos da criatura, por alojar-se na cidadela da alma, atacando as forças mais profundas.” *

Medo

Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, por definição, *medo é o sentimento de inquietação, de apreensão em face de um perigo real ou imaginário.*

A palavra medo relaciona-se também com receio, temor, horror, pavor, pânico.

A propósito, vejamos como se expressou sobre o medo Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo inglês, há algum tempo muito discutido nos meios da psicanálise: “(...) *o medo é um sentimento que nos inspira a possibilidade real de sermos afetados por um mal real, por um mal que conhecemos pela experiência.*”

Nós, espíritas, bem sabemos que além dos “males reais”, visíveis, tangíveis, existem os também reais, invisíveis, intangíveis, do que nos dá conta a obsessão...

De início, se analisarmos desde quando o homem tem medo, certamente chegaríamos à idade da pedra lascada, com nossos ances-

trais refugiando-se nos fundos das cavernas, ante os grandes perigos dos raios, dos trovões, dos furacões, dos vulcões, dos terremotos, dos maremotos, dos eclipses cósmicos, etc.

Tais acontecimentos, hoje bem explicados, antanho eram tidos como sobrenaturais e determinados por deuses terríveis, vingativos. Holocaustos, oferendas e promessas começaram ali e pelo jeito ainda não aplacaram a cólera daqueles deuses...

Vamos elencar algumas espécies de medo:

Medos naturais

São aqueles medos com os quais, praticamente, todos nascemos: medo do fogo, de grandes ruídos, de desequilíbrios, de morte e de mortos, do desconhecido...

OBS: Dizer que todos nascem com medo da morte ou dos mortos remete, entre os ocidentais, à infância, quando ainda sem despertar de todo a razão, vêem os familiares com grandes sofrimentos em velórios e enterros de parentes ou amigos, com isso inculcando-instalando no subconsciente infantil que aquilo (a morte) é terrível...

“Medos amigos”

Os chamados “medos amigos” são aqueles ditados pela prudência e basicamente é por eles que os se-

res vivos mantêm sua integridade, como por exemplo:

– *o vegetal*: procura a luz e a água, pelo que, de forma indireta, está evitando a sombra e a seca, regime no qual feneceria;

– *o animal*: foge de um predador ou do combate no qual esteja em desvantagem, e não o faz por covardia, senão sim para continuar vivendo;

– *o homem*: num gradiente que vai ao infinito, pois que a inteligência abre um leque de infinitas hastes de opções, sempre evitará a ação de conseqüências prejudiciais; por exemplo: não ultrapassar na curva, não brincar à beira do precipício, não riscar fósforos próximo a combustíveis, etc.

Afirmamos, enfaticamente, que esses não são medos, senão sim, frutos da prudência, ditada pelo abençoado instinto de conservação, engendrado por Deus e que nasce com todas as criaturas.

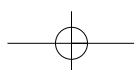
“Medos inimigos”

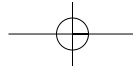
São os que causam prejuízos ao ser humano, não por alguma ação, mas justamente ao contrário, pela inação, como por exemplo:

– *medo de mudanças*: é um arquiinimigo de toda a Humanidade; num ambiente de trabalho ou de reuniões, por exemplo, medo de mudar de lugar: pessoas, objetos, móveis...

– *medo de enfrentar desafios*

* Instrução do Governador – In: *Nosso Lar*, Francisco C. Xavier, pelo Espírito André Luiz. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 42, p. 230.





da vida, tais como assumir responsabilidades (sejam familiares, profissionais ou sociais).

Medos irracionais

São aqueles sentimentos que bloqueiam o raciocínio e se edificam sob bases que contrariam o bom senso, como por exemplo:

- “medo de ir ao dentista”.

Medos reais

Situam-se entre as inquietações que se seguem após traumas, como por exemplo:

- *assalto*: alguém é assaltado e passa a ter receio de voltar a ser vítima; como defesa deixa de sair de casa, até quase que enclausurar-se por completo; o correto seria continuar normalmente saindo, mas com cuidado redobrado; e se voltar a ser assaltado, com certeza já terá muito mais equilíbrio para proceder sem riscos;

- *falar em público*: alguém diz algo para algumas pessoas e é ridicularizado... aí implanta-se tal medo; mas, se a pessoa treinar, nem que seja em frente ao espelho, e depois diante da família, verá que aos poucos dominará essa técnica, não sendo necessário ser um brilhante orador, mas sim alguém que fala com clareza;

- *infecção*: sempre lavar as mãos é excelente tal cuidado; só haverá problema se houver exagero...

- *andar de avião*: de fato, desastres aéreos ocorrem, mas o avião é dezenas, ou centenas de vezes mais seguro do que automóveis...

OBS: Geralmente, esses medos

transformam-se em manias, daí em fobias, depois em neuroses, podendo evoluir para psicoses...

Medos imaginários

Falsos sentimentos, pois *ainda* não aconteceram, mas *já vivem* na mente, como se reais fossem. Considerando que o homem formula pensamentos, cuja fixação os converte em “realidade” mental, surge aqui – apenas entre nós, homens –, o medo imaginário, isto é, temor de algo que ainda não aconteceu. Esse é o mais prejudicial dos medos, pois o medo real, muitas vezes tem raízes no passado, a expressar-se no presente. Agora: como ter medo de algo que ainda não aconteceu? Exemplos:

- um estudante (ou muito magro, ou de pouca estatura, ou de óculos, ou algo obeso) traz em estado latente o receio de não ser aceito e com isso evita enturmar-se;

- um jovem que sofre, antecipadamente, a angústia de não arranjar namorada;

- medo de terroristas: o nível de medo pode atingir a fase do pavor, muito comum nas pessoas que sofrem a “síndrome do pânico”.

OBS: *Síndrome do pânico: a expressão é originária de Pan, deus grego, tocador de flauta, que aterrorizava os camponeses com seus chifres e pés de equínos; os pacientes que apresentam essa síndrome sofrem intensamente, com graves sintomas, que vão da angústia a palpitações, sudoreses, tremores, falta de ar, náuseas, medo da loucura e medo extremo com sensação de morte.*

Nos Estados Unidos, o trauma pós 11 de Setembro de 2001 (der-

rubada das “torres gêmeas”, por terroristas) levou até mesmo a propaganda a colocar máscara contra gases na famosa boneca “Barbie”...

Fobias

A fobia é acompanhada de um medo exagerado e persistente (mórbido) que não tem limites em relação às causas que o produzem. O fóbico sofre terrivelmente.

O exército de medos, nesse patamar, é quase ilimitado.

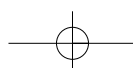
Pela Psicanálise temos que a maioria das fobias, na verdade, mascaram um perigo simbólico, cujo objeto exato se esconde nas fimbrias do subconsciente, que muitas vezes, como defesa subjetiva, deriva um fato real para um perigo imaginário.

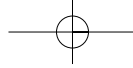
Como exemplo, podemos citar o caso de Hans, uma criança que foi psicanalisada por Freud, e que tinha “pavor” de cavalos, aos quais, paradoxalmente, admirava... Em suas pesquisas, o grande mestre austríaco percebeu que, para Hans, o cavalo (animal forte) era uma representação simbólica do pai, que vivia ameaçando-o de castração.

Vamos citar algumas fobias:

- *claustrofobia*: é a mais citada de todas as fobias e refere-se ao medo de lugares fechados: [pela teoria junguiana – Carl Gustav Jung (1875-1961), notável psiquiatra suíço –, esse medo está relacionado ao nascimento – o ser precisa deixar o conforto e atravessar um túnel estreito, rumo ao desconhecido...]; também se manifesta junto a multidoes;

- *nosofobia*: o medo de adoecer, o que leva o fóbico a se julgar doente; começa pelo medo de in-





fectar-se por micróbios e por isso até não dá a mão nos cumprimentos... Essa fobia conduz rapidamente à hipocondria (busca obcecada de tratamento para doenças inexistentes);

– *agorafobia*: medo de espaços abertos e amplos (medo de deslocar-se sem ajuda); (meditando sobre essa fobia, bem podemos calcular a coragem de Cristóvão Colombo...);

– *altofobia*: medo das alturas;

– *antropofobia*: medo de enfrentar a sociedade, levando o indivíduo a trágicas solidões;

– *gerontofobia*: medo de envelhecer... e até do convívio com pessoas idosas;

– *necrofobia*: medo da morte e até dos mortos;

– *obesofobia*: medo de engordar (fobia muito cultivada pelas jovens modelos de modas); quase sempre leva à anorexia (perda do apetite), que é porta aberta ao comprometimento do sistema orgânico de defesa auto-imune;

– *talassofobia*: medo das águas, rios, etc.

VENCENDO OS MEDOS

Auto-análise

Todos nós, sem exceção, temos medos...

Disso, de alguma forma, sempre resultam grandes ou pequenos desconfortos.

Assim, impõe-se que idealizemos uma “administração” dos nossos medos.

Em primeiro lugar, nada melhor do que identificar e classificar o medo.

Uma vez identificados e classificados os nossos medos, o trabalho

agora é realizar um mapeamento da origem deles.

Para começar, devemos ter como certeza que a Humanidade sempre se defrontou com o medo e poucos não foram os homens que se dedicaram a explicá-lo, primeiro para poderem entendê-lo, para em seguida eliminá-lo.

Todos fracassaram, uma vez que o medo, enquanto sentimento de evitação do mal, é um instrumento de sobrevivência, sem exageros, de todos os seres vivos.

Até porque há a classe de medo que é muito benéfica, como vimos.

Dessa forma, o medo tanto pode ser, em potencial, um amigo quanto um grande inimigo.

Se o perigo pode ser real ou imaginário, o medo também o será.

Para um medo ser identificado necessário se torna compreender como ele se instalou, ou dizendo de outra forma, como é que ele “apareceu”: quando, como, porquê.

Quase sempre o medo se disfarça, lançando mão de símbolos, num processo muito parecido com os sonhos, cuja interpretação é problemática, justamente pelo simbolismo com o qual a maioria se apresenta ao sonhador.

É sob convicção que afirmamos que o medo pode e deve ser trabalhado para se tornar um incomparável instrumento de equilíbrio no nosso dia-a-dia.

Em todos os medos, se a pessoa não conseguir dominá-los racionalmente (autolibertação), um bom caminho a seguir será procurar um aconselhamento:

– *na fé*: em primeiro lugar, orações a Deus e ao Anjo Guardião!

– *na família*: ouvindo a expe-

riência dos pais e familiares mais íntimos;

– *na ajuda espiritual*: outra via será procurar um orientador espiritual; de nossa parte, sugerimos visita a um Centro Espírita e um diálogo com alguém disposto a ouvir essa pessoa com tolerância e fraternidade, sugerindo caminhos evangelho-terápicos.

OBS: Se a pessoa fizer questão, nada objeta o auxílio de um psicanalista.

No Espiritismo

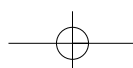
A Doutrina dos Espíritos leciona que todos temos um extenso passado existencial, de multiplicadas existências, que espelham atualmente nosso painel mental de emoções e sentimentos, painel esse que se atualiza segundo a segunda.

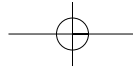
De posse de tão transcendental entendimento, ao espírita convicto será possível iniciar, por uma enérgica e sincera auto-reforma, um intenso e permanente tratamento, visando a libertar-se de seus medos, manias, fobias, neuroses e eventuais psicoses.

Na questão 919 de *O Livro dos Espíritos*, o Espírito Santo Agostinho nos dá preciosa maneira de nos conhecermos a nós mesmos, através do balanço diário das nossas ações, ao final de cada dia, bem como interrogação constante à consciência. Na “Introdução” da mesma obra, Allan Kardec registrou, a propósito dos nossos temores:

“Ele [o Espiritismo] mostra a realidade das coisas e com isso afasta os funestos efeitos de um temor exagerado.”

Tratando-se dessa *realidade das*





coisas, aos espíritos ocorre compreender muitos fatos da presente existência, conjecturando que sua origem pode estar em vidas passadas.

OBS: Em Psicologia, segundo C. G. Jung, que já citamos, esse atavismo recebe o nome de “sombra”, caracterizando-se por componentes da personalidade, formado por instintos, que produzem sentimentos e ações desagradáveis.

Sabendo que o perispírito guarda indelevelmente as chamadas “matrizes psíquicas” (fatos marcantes de outras existências), não ficará difícil conjecturar que o medo, no presente, pode ter-se originado em ocorrências do passado, como, por exemplo:

– *medo de multidão*: será que essa pessoa não foi condenada e quem sabe até apedrejada em público?

– *medo de altura*: não teria se suicidado atirando-se ou sido vítima de queda de penhascos?

– *medo de água*: não teria se afogado?

– *medo de lugares fechados*: não teria morrido num calabouço?

– *medo de animais*: não teria morrido sob ataque de algum deles?

Além disso, a obsessão e seus agentes ocultos fragilizam a razão do obsidiado. Daí que, vulnerável, ele se torna quase sempre cliente de novos medos... É nesse ponto que a prece sincera e a auto-reforma carream-lhe o amparo do Mais Alto.

Conclusão

O medo edifica muros altos ao discernimento, impedindo análises, reflexões e soluções para nosso dia-a-dia, qual lanterna que se apaga na mente. Além disso, é um grande gerador de bloqueios, com perda de

novas oportunidades de aprendizado.

Infinitos medos existem e infinitas são também as maneiras de administrá-los.

Uma constante, porém, se impõe: é que o medo seja reconhecido, analisado racionalmente e aceito como parte da estrutura emocional.

Em sendo real, a prudência dará o toque de como agir.

Contudo, se imaginário, conscientizado disso, por si mesmo, em

auto-análise ou por aconselhamento, esse medo deverá ser enfrentado pelo “medroso”.

Logo se perceberá que até o medo tem medo...

Com base na Doutrina Espírita, asseveramos: qualquer medo se dissolve, diante da fé, numa de frontação racional. Com respeito, acrescentamos:

*A luta entre o medo e a razão
É igual à da vespa contra o leão:
Incomoda sim, mas vence não! ■*

Renúncia com Jesus

Mário Frigéri

*“Se alguém tem sede, venha a mim e beba.”
Jesus. (João, 7:37.)*

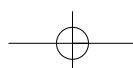
Se não buscam teus pais a intimidade
Do Cristo, renuncia a tê-los mais
Perto de ti, no culto da Verdade
– *E ajuda, cada dia mais, teus pais.*

Se teus filhos não querem com Jesus
Caminhar, renuncia, nesses trilhos,
A tê-los, por agora, junto à Luz
– *E ajuda, cada dia mais, teus filhos.*

Se teus amigos não sentem o Mestre,
Renuncia a tê-los já por trigos
Da Boa Nova, na estação terrestre
– *E ajuda, dia a dia, teus amigos.*

Não voltes tuas costas ao irmão
Que ainda não te entende o coração:
*Renúncia com Jesus – Modelo e Guia –
É mais devotamento a cada dia.*

Fonte de consulta: Página “Renúncia”, de Emmanuel/Francisco Cândido Xavier. In: *O Espírito da Verdade*, Autores Diversos. Ed. FEB.



Editoras espíritas na Bienal do Livro do Rio de Janeiro

FEB distribui mais de 300 mil produtos de divulgação da literatura espírita

Dezenove editoras espíritas participaram da XII Bienal Internacional do Livro, que ocorreu no período de 12 a 22 de maio de 2005, no Riocentro, Rio de Janeiro. A Federação Espírita Brasileira (FEB) teve participação institucional, voltada exclusivamente para a divulgação das obras do catálogo, sem venda de livros para o público. Juntas, a FEB e a Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (Adeler), que reuniu 15 editoras, ocuparam um estande de 300 metros



O estande da FEB atraiu grande público, composto por crianças, jovens e adultos



Painel de Reformador

quadrados, um dos maiores da Bienal. As Rádios Rio de Janeiro e Boa Nova montaram estúdios para entrevistas gravadas e transmissões ao vivo, diretamente do Riocentro.

Entre os autores que fizeram sessões de autógrafos no estande da Adeler estavam Zaira Silveira e a Vice-Presidente da FEB, Cecília Rocha, as quais lançaram, no dia 21 de maio, os livros *O Gato Lindinho*, *A Sementinha Amarela* e *A Gotinha de Orvalho*, que integram a nova série infantil da FEB. O es-

critor Eloy Facco (Tieloy) autografou no dia 15 de maio as novas edições de seus livros *O tatu cavaleiro*, *O rei cansado*, *Bem me quer, bem me quer* e *O papagaio que falava latim*.

A FEB lançou, ainda, a coleção completa da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, de Allan Kardec, e o tradutor, Evandro Noleto Bezerra, fez sessão de autógrafos no dia 21 de maio.

Para os mais de 80 mil adultos que visitaram os estandes espíritas,

a FEB preparou diversos produtos – sacolas personalizadas, *kits*, folhetos, marcadores de livro – a fim de divulgar a literatura espírita. Foram impressos mais de 300 mil produtos. Um encarte com as capas e sinopses dos livros da FEB foi distribuído a todos os adultos que visitaram o estande da Federação.

Distribuídos em vitrinas, estantes e mostruários diversos, os livros chamaram a atenção do público, que recebia informação de atendentes espíritas treinados para explicar sobre o conteúdo das obras em exposição. A revista *Reformador*, editada há 122 anos pela FEB, teve área especial para exposição de diversos números e ganhou centenas de novos assinantes.

A área infantil, decorada com livros e personagens das publicações da FEB, foi visitada por cerca de 20 mil crianças, que receberam a publicação *Turma da Paz*, além de sa-



Sessão de autógrafos da nova série infantil da FEB, pelas autoras Cecília Rocha (à direita) e Zaira Silveira

colas, marcadores de livros e brindes como adesivos, canetas e quebra-cabeças. Durante seis dias houve atividades com balões, pintura de rosto e narração de histórias com atores caracterizados como personagens dos livros.

Os dez livros mais vendidos*

1. *Memórias de um Suicida* – Yvonne do Amaral Pereira (Espírito Camilo Cândido Botelho);
2. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – Allan Kardec;
3. *Nosso Lar* – Francisco Cândido Xavier (Espírito André Luiz);
4. *O Livro dos Espíritos* – Allan Kardec;
5. *Kit Allan Kardec* – Obras de Allan Kardec;
6. *Revista Espírita* – Allan Kardec;



Sessão de autógrafos da Revista Espírita (FEB), pelo tradutor Evandro Noletto Bezerra

7. *O Céu e o Inferno* – Allan Kardec;
8. *O que é o Espiritismo* – Allan Kardec;
9. *O Livro dos Médiuns* – Allan Kardec;
10. *Entrevistando Allan Kardec* – Suely Caldas Schubert. ■

*Esta lista inclui apenas os livros mais vendidos editados pela FEB e não os das demais editoras espíritas.



Sessão de autógrafos de livros infantis do autor Eloy Facco (Tieloy), editados pela FEB

FEB/CFN - COMISSÕES REGIONAIS

Reunião da Comissão Regional Sul



Mesa da Sessão Plenária: Palavra do Presidente da FEB

A Reunião Ordinária de 2005 da Comissão Regional Sul, do Conselho Federativo Nacional, da Federação Espírita Brasileira, ocorreu em Florianópolis (SC), no período de 29 de abril a 1º de maio, com a presença de todas as Federativas da Região: Federação Espírita do Paraná (10 pessoas); Federação Espírita do Rio Grande do Sul (7); Conselho de Unificação do Movimento Espírita do Estado do Rio de Janeiro, composto pela União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (10) e pela Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (7); Federação Espírita Catarinense (8); e União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (11). A FEB compareceu com o seu Presidente e mais 15 membros. Total de 69 participantes. A Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE) esteve representada por Júlia Nezu de Oliveira, da delegação da USE-SP.

Sessão de Abertura

Esta Sessão teve início na sexta-feira, dia 29, às 20 horas. O Presidente da FEC, Gerson Luiz Tavares, fez a prece e a saudação aos presentes, passando a direção dos trabalhos ao Coordenador da Comissão Regional.

Palestra: Antonio Cesar Perri de Carvalho falou sobre as Campanhas *Em Defesa da Vida, Viver em Família e Construamos a Paz Promovendo o Bem!*, que estão sendo relançadas conjuntamente, por decisão do Conselho Federativo Nacional e do Conselho Diretor da FEB, havendo a participação dos Dirigentes e representantes das Federativas.

Reunião Geral: Em seguida, o Coordenador prestou esclarecimentos sobre a Pauta e a metodologia da Reunião da Comissão Regional, e promoveu a apresentação individual dos integrantes das delegações, encerrando as atividades da noite.

Reuniões Setoriais

Realizaram-se no sábado, dia 30, a partir das 8h30, concomitantemente, as seguintes Reuniões Setoriais: dos Dirigentes; das Áreas: Atendimento Espiritual no Centro Espírita, Atividade Mediúnica, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, e Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

Reunião dos Dirigentes

Esta reunião contou com a presença dos seguintes Dirigentes: Paraná – Maria Helena Marcon (FEP); Rio Grande do Sul – Gládis Pedersen de Oliveira (FERGS); Rio de Janeiro – Aloísio Ghiggino (USEERJ) e Hélio Ribeiro Loureiro (FEERJ); Santa Catarina – Gerson Luiz Tavares (FEC); e São Paulo – Artílio Campanini (USE); os Diri-

gentes estavam acompanhados de assessores. Pela FEB participaram: Nestor João Masotti (Presidente), Altivo Ferreira (Coordenador), Aylton Guido Coimbra Paiva (Secretário), Antonio Cesar Perri de Carvalho e Evandro Noleto Bezerra (Assessores).

Após a prece de abertura, foram aprovadas a Ata da reunião de 2004 e a nova metodologia proposta para os trabalhos da Comissão, destinada a dar melhor aproveitamento ao tempo e tornar mais dinâmicas as reuniões setoriais.

O assunto da reunião anterior – “Critérios para o trabalho conjunto das Federativas no campo da divulgação do livro espírita” – foi amplamente analisado, com relato dos Dirigentes sobre as experiências de suas Instituições acerca da distribuição e venda do livro espírita, ressaltando-se a necessidade de as Federativas apoiarem-se mutuamente na aquisição e comercialização dos livros de sua própria edição. O assunto evoluiu para constituir-se uma Comissão composta por representantes de cada Federativa, ficando marcada sua primeira reunião no Departamento Editorial da FEB (Rio de Janeiro), nos dias 17 e 18 de maio, com visita de seus integrantes à Bienal Internacional do Livro.

Antes da discussão em torno do assunto da reunião – “Participação das Instituições Espíritas nas atividades comunitárias (Órgãos, Comissões, Conselhos e outros)” – foram apresentadas, com apoio em *datashow*, exposições



Dirigentes: USEERJ-RJ; USE-SP; FERGS-RS; FEERJ-RJ e FEP-PR

concernentes a esse tema pelo Conselho de Unificação do Movimento Espírita do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ/ /FEERJ) e pela USE de São Paulo. As Federativas informaram sobre sua participação nos referidos Órgãos. Hélio Ribeiro Loureiro (FEERJ) referiu-se à tentativa de alteração do art. 3º da Lei da Organização da Assistência Social (LOAS), no que respeita ao conceito de assistência social, cuja modificação poderá representar risco para as instituições espíritas. O Presidente Nestor sugeriu a criação de um Grupo de Trabalho para acompanhar o desenvolvimento do assunto.

Foram prestadas informações sobre o Assessoramento Jurídico-Administrativo às Casas Espíritas, enfatizando-se a necessidade de as Federativas criarem o seu Departamento Jurídico, sendo que algumas já o possuem.

No item Sugestões para a revisão do opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, o Presidente Nestor Masotti ressaltou o cuidado que deve merecer essa revisão e esclareceu que ela abrange apenas a parte do opúsculo que trata da *Orientação*, não alcançando os textos dos documentos “A adequação do Cen-

tro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades” e “Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas”. Essa matéria, dada a sua importância, foi escolhida como assunto para a Reunião de 2006.

Nos assuntos diversos, foi esclarecida a questão do Censo Espírita, aprovado pelo CFN na Reunião de 2003, sendo apontada a inviabilidade da sua realização em nível nacional. Assim, a FEB propõe a transformação do Censo em Cadastro das Instituições Espíritas através da Internet, havendo uma equipe que está trabalhando nesse sentido.

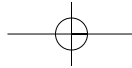
A próxima reunião será em São Paulo (SP), nos dias 28, 29 e 30 de abril de 2006, com o assunto: “Orientação ao Centro Espírita”.

Sessão Plenária

Proferida a prece, teve início o relato sucinto das atividades desenvolvidas nas reuniões setoriais:

Dirigentes: O Secretário Aylton Paiva fez uma síntese dos assuntos tratados nessa reunião.

Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada por Maria Euny Herrera Ma-



sotti. Assunto da reunião: “Montagem das etapas do Atendimento Espiritual: Recepção; O diálogo no Atendimento Fraterno; Irradiação”. Assunto para a próxima reunião: “Montagem das etapas do Atendimento Espiritual: Passe e magnetização da água; Explicação doutrinária; Evangelho no Lar”.



Aspecto parcial da reunião da Infância e Juventude

Área da Atividade Mediúnica, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com assessoria de Edna Maria Fabro. Assunto da reunião: “Qualificação do tarefeiro do grupo mediúnico: diretrizes doutrinárias e orientações teórico-práticas”. Assunto para a próxima reunião: Minicurso – “Consciência Mediúnica: Parâmetros religiosos; A questão ético-moral; O autocohecimento e conhecimento do outro; Livre-arbítrio e responsabilidade; Comprometimento com a tarefa”.

Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba, com assessoria de Sônia Regina Ferreira Zaghetto. Assunto da reunião: “Planejamento estratégico da Comunicação Social Espírita: apresentação, desempenho e avaliação”. Assunto para a próxima reunião: “Relacionamento com a Mídia: planejamento e execução”.

Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Cecília Rocha, com assessoria de Elzio Antônio Cornélio. Assunto da reunião: “Aplicabilidade do Manual de Organização e Funcio-

namento do ESDE e os resultados obtidos na ação federativa”. Assunto para a próxima reunião: “Censo; Interiorização do ESDE; Realização de Minicurso: aspectos doutrinários e didáticos”.

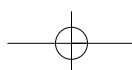
Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com assessoria de Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi. Assunto da reunião: “Avaliação x Plano Global de Ação: a) Analisar os problemas encontrados na avaliação; b) Estabelecer metas e planejar ações com base nos resultados da avaliação”. Assunto para a próxima reunião: “Avaliação do Plano de Ação, com vistas ao alcance das metas para 2007: 1) Dinamização da Campanha; 2) Capacitação do Evangelizador; 3) Currículo das EEEIJ; 4) Evangelização e Família; 5) Avaliação das Atividades de Evangelização”.

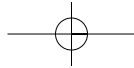
Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com assessoria de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira. Assunto da reunião: “Levantamento de informações sobre a utilização do

Manual do SAPSE pelos Centros Espíritas”. Assunto para a próxima reunião: “Divulgação do Manual do SAPSE através das seguintes ações: a) Capacitação de trabalhadores; b) Solicitação de espaço para essa divulgação nos encontros de Dirigentes; c) Entrosamento do SAPSE com as demais Áreas da Federativa; d) Prosseguimento da pesquisa sobre a utilização do Manual; e) Apresentação dos resultados dessas ações”.

Após os relatos, representantes das Federativas opinaram sobre as atividades desenvolvidas nas respectivas Áreas.

Os Dirigentes e o Presidente da FEB avaliaram positivamente os trabalhos da Comissão e, com palavras repassadas de emoção, fizeram suas despedidas, agradecendo à Federação Espírita Catarinense pelo cuidadoso preparo da Reunião e pelo acolhimento fraterno dispensado às delegações visitantes. Em seguida, os trabalhos foram encerrados com a prece proferida por Atílio Campanini, Presidente da USE-São Paulo, anfitriã do encontro de 2006. ■





O jugo leve

Gebaldo José de Sousa

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”
Jesus (Mateus, 11:29-30.)

Início dos anos cinquenta do século passado. Mediana cidade do Triângulo Mineiro. Ruas de ladeiras variadas, calçadas de paralelepípedos. Uma carroça transporta pesadas vigotas, rua acima. Sobre a carga, já de si enorme, ia o condutor a fustigar o cavalo, que fraquejava no aclave acentuado e escorregadio.

Após ingentes esforços, o pobre animal pára, a bufar, incapaz de prosseguir a marcha, embora os gritos e reiterados açoites do carroceiro, jovem ignorante e impiedoso. Furioso, desceu da carroça, redobrando xingamentos e chicotadas vigorosas! Também ele uma alimária, embora de outra espécie (racional?), mas, na verdade, cruel, inelmente!

Por sorte, passava por ali outro jovem. Só que este, sensato. E – inspirado em Francisco de Assis, pleno de compaixão –, usou de misericórdia para com ambos, cavalo e condutor.

Com humildade, propôs ao carroceiro:

– Posso ajudá-lo? Empurro a carroça e você puxa o cavalo.

– Esse desgraçado ‘tá’ com moleza! Não levanta porque é manhoso!

– Ele está cansado. Vamos ajudá-lo, que ele dá conta de subir.

– ‘Tá’ certo. Pode empurrar.

Mas o cavalo não aceitou nem a presença do condutor, recusando-se a segui-lo, seja pelo cansaço, seja por antipatia.

– Espera um pouco, uns cinco minutos. Está muito cansado. E vamos inverter as posições: você empurra a carroça e eu guio o cavalo.

Proposta aceita a contragosto, nosso personagem pôs-se a conversar com o animal, ainda muito assustado. Com serenidade e palavras amorosas ganhou-lhe a confiança, acariciando-lhe a crina, enquanto, aos poucos, descansava. Disse-lhe, em tom de voz amigável:

– São Francisco vai te ajudar, meu amigo!

Impaciente, o outro propunha retomar a caminhada. Nosso amigo, sob o amparo de Francisco de Assis, e a força moral que a humildade e a paciência lhe favoreciam, respondeu-lhe:

– Espera mais um pouco, um minutinho só! Ele subirá com a carga.

Passado tempo razoável, o companheiro convidou o cavalo a se levantar, dizendo-lhe com carinho:

– Nós vamos ajudá-lo. Vem comigo!

O bichinho atendeu ao chamado, trôpego a princípio, mas, fir-

mando-se, venceu a íngreme ladeira até a esquina próxima, onde a rua transversal amenizava a subida, em busca do destino visado.

Neste ponto, nosso amigo despediu-se de ambos, com palavras amistosas para um e de bons conselhos para o outro, para que experimentasse a paciência sempre com seu companheiro de trabalho, que o ajudava a ganhar o pão de cada dia.

...

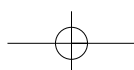
O fato singelo, mas real, levava-nos a refletir sobre o convite de Jesus com a promessa do jugo leve!

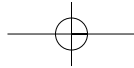
Perdemos todos os esforços se desanimamos, quando o fim da prova poderia estar à vista (quem sabe, na próxima esquina?). Ao seguir, encorajados pelo auxílio invisível, que não falta, vencemos os aclives do caminho que nos cabe percorrer, ainda que a passos trôpegos!

Quando nos surgem sofrimentos, ao invés de nos desesperarmos, indaguemos ao Mestre, quais lições devemos aprender com a Dor, essa Sublime Mensageira!

Amigos espirituais, em nome dEle, acorrem aos nossos apelos, quando aprendemos a buscá-lo nas asas da prece, revestida de humildade e confiança!

Santo Agostinho – Cap. XXVII, item 23 de *O Evangelho segundo o Espiritismo* – afirma-nos:





“(...) A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus.”

Os bons Espíritos, quais samaritanos, não eliminam nossas provas, mas encorajam-nos, inspiram-nos, quando a eles recorremos.

Ainda que distantes da fé ar-

dente, se cultivamos a prece sincera, buscando compreender as mensagens que as dores nos trazem, ela cresce, a pouco e pouco, em nosso íntimo, pelas respostas que nos oferece.

Se recorremos à oração sinceramente, cumprindo nossos pequeninos deveres, e buscamos vencer as lições do Evangelho, as respostas sempre nos vêm.

E assim nosso jugo vai-se tor-

nando leve, suportável. Indispensável, para isso, aviar as receitas de amor do Divino Mestre, buscando, por nossa vez, suavizar provas de outros irmãos de caminhada!

Com paciência e resignação ativas, reduzimos nossas dores, sem aflição e desespero dispensáveis, que as reações desequilibradas favorecem.

A dor fustiga, inclemente, mas o “orvalho divino” nos conduz ao jugo leve, prometido por Jesus. ■

Lei de Deus

Quando a sombra te envolva, em cárcere de angústia,
E entregas-te à oração, ante os golpes da vida,
Perguntas, muita vez, alma querida,
Onde a luz que te venha libertar...
Do que tenho a rever em meus testes no mundo,
Posso apenas dizer-te às horas de agonia
As mesmas sugestões que a prece me trazia:
– Esperar, esperar...

Espíritos na Terra, herdando de nós mesmos,
Temos, quase nós todos, as raízes
De débitos e tramas infelizes
Que assumimos outrora, sem pensar...
Nos instantes de Hoje, o Tempo nos revisa
E clamando ao colher de nossa plantação,
Eis que o Mundo nos pede ao coração:
– Esperar, esperar...

Não te lastimes, pois... Todos os seres,
Do abismo aos céus, do mineral ao homem,
Sem correções e lágrimas que os domem,
Nunca se arredariam de lugar;

Não há lição sem preço no caminho,
Toda ascensão exige esforço e luta,
Por isso, a Vida fala e a própria Vida escuta:
– Esperar, esperar...

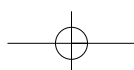
A semente no chão aguarda a flor e a flor reclama o
[fruto,

A noite espera o Sol retomar o horizonte,
O deserto suplica o bálsamo da fonte,
A fonte busca o rio e o rio pede o mar;
A gradação, porém, tudo acompanha e rege,
Na voragem do Tempo, a Justiça se esconde
E, ao tumulto da pressa, a lógica responde:
– Esperar, esperar...

Assim também, alma fraterna e boa,
Aceita a prova justa, aguarda e pensa,
Deixa que, um dia, a dor te elucide e convença
A esquecer-te no Bem e a servir por amar,
Então compreenderás nas forças do Universo
Que o próprio Deus na Lei, que ele Mesmo
[estrutura,
Diz, no imo do ser, em cada criatura:
– Esperar, esperar...

Maria Dolores

Fonte: XAVIER, Francisco C. *A Vida Conta*. 3. ed. São Paulo: CEU, 1984, n° 19, p. 58-59.



A FEB E O ESPERANTO

Memórias de um Suicida e o Esperanto

Affonso Soares

Pelos idos de 1965, quando Bezerra de Menezes, através de Yvonne A. Pereira, já nos havia apontado, como campo de trabalho e via de redenção, os serviços na seara do Esperanto a serviço do Consolador, a querida e saudosa médium nos levava em visita a Ismael Gomes Braga, cujo endereço – Rua Ramon Franco nº 63, na Urca – era conhecido de todo o mundo esperantista, no Brasil e no Exterior, em razão de sua invulgar atividade.

Entre tantos momentos de edificação, ali ouvimos do grande pioneiro espírita-esperantista as mais profundas e emocionadas observações acerca do que está revelado sobre a Língua Internacional Neutra em *Memórias de um Suicida*.

Ao leitor bastaria consultar o referido livro, na Terceira Parte, “Últimos traços”, para constatar, ele próprio, o imenso alcance das revelações do mundo espiritual, seja sobre o valor do Esperanto para o progresso geral da Humanidade, seja, principalmente, sobre a conveniência de que os espíritos – como no Brasil é feito desde 1909 – continuem a dedicar, com sempre crescente intensidade, seus esforços e talentos em favor da nobre causa.

Mas, para obviar a eventuais impossibilidades por parte daqueles que, nos serviços do Movimento Espírita, vendo-se a braços com múltiplas e graves tarefas, não dispõem do tempo necessário a concentrar-se em tão sugestiva consulta, vamos aqui tentar um resumo do longo texto em que se evidencia o apreço que ao Esperanto dedicam os Espíritos Diretores da Instituição onde Maria de Nazaré abriga os suicidas.

Tais Espíritos – todos iniciados nas Ciência do Infinito, na Moral Superior do Evangelho, portanto altamente credenciados para nos orientarem nos dois planos de vida – aconselhavam a seus pupilos que se dedicassem ao aprendizado daquele idioma, que lhe dessem a merecida importância, uma vez que o futuro o veria consagrado como legítimo e poderoso instrumento da Fraternidade entre os povos, como fator de construção do Progresso em geral e, por via de consequência, como veículo para fecundas manifestações espirituais nas sociedades terrenas, com o concurso de médiuns que se habilitassem em tão grave setor da seara.

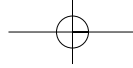
Para tal aprendizado dispunham, os suicidas internos na Colônia Correccional Maria de Nazaré, de uma Academia que se alinhava, na chamada Cidade Universitária, entre outras tantas instituições congêneres, dedicadas a elevados estu-

dos sobre temas igualmente grandiosos como Moral, Filosofia, Ciência, Psicologia, Pedagogia, Cosmogonia, entre outros.

Essa Academia era, nada mais, nada menos, do que uma “(...) *filial da grande Universidade Esperantista do Astral, com sede em outra esfera mais elevada, a qual irradiava inspiração para suas dependências do Invisível, como até da Terra, onde já se iniciava apreciável movimentação em torno do nobilíssimo certame, entre intelectuais e pensadores de todas as raças planetárias!*” (p. 665).

E seus Diretores, embora não figurassem como iniciados em Doutrinas Secretas, sendo com efeito neutros em matéria religiosa em geral, brilhavam entretanto por méritos adquiridos em devotamentos, abnegações e sacrifícios, ao longo dos séculos, em favor da causa da Fraternidade Universal. E, dentre tantos eminentes vultos dessa invulgar falange, ali pontificava o gênio universal da Literatura que a Terra teve a honra de hospedar sob o nome de Victor Hugo, ardente entusiasta, no Além-Túmulo, da causa do Esperanto.

As aulas em tais recintos tinham como foco principal, além do próprio estudo do idioma, a identificação do problema lingüístico, isto é, da multiplicidade de línguas na Terra, como um dos maiores estorvos a se levantar con-



tra o Progresso, sendo apresentada, como sua solução justa e definitiva, a adoção do Esperanto nas relações internacionais.

Tão fecundas eram as exposições e os estudos na Academia de Esperanto da Colônia Maria de Nazaré, que o autor espiritual de *Memórias de um Suicida* não resiste ao impulso de emitir esta vibrante efusão de coração:

“(...) E tais eram as perspectivas que nos acenavam os fatos do cimo glorioso daquela conquista, que nos sentimos triplicemente irmanados a toda a Humanidade: pelos laços amoráveis da Doutrina do Cristo; pelo beneplácito da Ciência que nos iluminava o coração e pela finalidade a que nos arrastaria o exercício de um idioma que futuramente nos habilitaria a nos reconhecermos como em nossa própria casa, estivéssemos em nossa Pátria ou vivendo no seio de nações situadas nas mais diferentes plagas do globo terrestre, como até no seio do mundo invisível!” (P. 668.)

Essa Embaixada Esperantista, transplantada de elevadas regiões espirituais nos ambientes da Colônia dirigida pela Mãe de Jesus, de quando em quando promovia reuniões festivas para edificação e consolo dos suicidas ali abrigados, ensinando a Espíritos que serviam à causa do Esperanto em outras esferas do Espaço visitar, em caravanas fraternas, a Academia e oferecer aos internos os mais comoventes testemunhos de fraternidade, simpatia, solidariedade, consolação, em nome do Amor. Então, assistia-se à sublimação da Arte em espetáculos arrebatadores de música, dança, poesia, cujo objetivo era reverenciar o Supremo Detentor da Beleza.

E Camilo Cândido Botelho, pseudônimo do autor espiritual de *Memórias de um Suicida*, enfatiza, nos períodos finais de sua notícia:

“Sucediam-se, porém, os concertos: cânticos orfeônicos atingiam expressões miríficas; peças musicais perante as quais as mais arrebatadas melodias terrenas empalideceriam; certamens poéticos em cenas de declamação cuja suntuosidade tocava o inimaginável, arrebatando-nos até ao êxtase! E o idioma seletivo de que se utilizava esse pugilo magnífico de artistas pertencentes a falanges que viveram e progrediram sob a bandeira de todos os climas, de todas as Pátrias do globo terrestre, era o Esperanto, aquele que iria coroar a iniciação que fizéramos, reeducando-nos aos conceitos da Moral, da Ciência e do Amor!” (P. 671.)

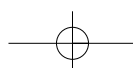
Há ainda, na revelação aqui focalizada, um elemento implícito assaz importante que gostaríamos de destacar, pois que, de certa forma, justifica a presença do nobre ideal nos serviços do Movimento Espírita: é o fato de que o Esperanto absolutamente não era considerado mero objeto de lazer e distração nas luminosas regiões espirituais sob a guarda da Mãe de Jesus, como o prova a ênfase com que aqueles elevados educadores espirituais, aureolados de respeitabilíssimos conhecimentos e virtudes, o incluíam entre as disciplinas ministradas a Espíritos em urgente processo de tratamento e reeducação para o mergulho em dolorosas reencarnações expiatórias em que, em meio a inevitáveis e dramáticas repercussões de um suicídio, deveriam também trabalhar para a sua melhoria e para a melhoria dos cenários terrenos onde outrora faliram fragorosamente.

A atualidade tem provado a grande utilidade do Esperanto nos serviços de divulgação da Doutrina. É portanto nosso dever – como a Casa de Ismael o faz desde 1909 – divulgá-lo, promover o seu estudo e utilizá-lo, para que ele se torne forte e mais eficazmente sirva nos trabalhos de construção da Nova Era.

Mas outro importantíssimo serviço aguarda o Esperanto na seara do Consolador, a exigir empenho dos adeptos da Doutrina Espírita em protegê-lo, divulgá-lo e estudá-lo: é que ele tende a tornar-se, como imperativo do progresso, em língua para as relações internacionais da crescente família espírita mundial, o que igualmente exigirá constante esforço do Movimento Espírita brasileiro por prestigiá-lo, louvando-se nas orientações constantes no opúsculo *Orientação ao Centro Espírita* (Ed. FEB), e nas manifestações de respeitáveis Espíritos, disseminadas em nossa literatura mediúnica.

Finalizemos com a sempre atual exortação de Emmanuel colhida em sua mensagem *A Missão do Esperanto*, recebida por Francisco Cândido Xavier em 19 de janeiro de 1940:

“Sim, o Esperanto é lição de fraternidade. Aprendamo-la, para sonhar, na Terra, o pensamento daqueles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo: “aprendamo-la”, porque somos também companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejamos o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos, na Terra, os melhores movimentos de unificação.” ■



Monumento a Kardec em Lyon

Solenidade de inauguração



Solenidade de inauguração. A partir do Monumento (esq./dir.): Nestor Masotti, Roger Perez e Michel Chomarat

No dia 18 de abril de 2005, às 15 horas, foi inaugurado monumento em homenagem a Allan Kardec, na região central de Lyon (França), entre as pistas de uma das principais avenidas da ci-

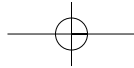


Saudação de Roger Perez, Presidente da USFF

dade – *Quai Docteur Gailleton*, esquina com a *Rue Sala* –, local onde existia a casa em que nasceu Rivail. A solenidade, bastante concorrida, foi presidida por Roger Perez, Presidente da União Espírita Francesa e Francófona. Prestigiaram o evento histórico: Nestor João Masotti, Secretário-Geral do CEI; Michel Chomarat, representante e conselheiro do Prefeito de Lyon; representante da Prefeitura do bairro (2^e. *arrondissement*); Charles Kempf e Michel Buffon, respectivamente, Vice-Presidente e Diretor da USFF; Antonio Cesar Perri de Carvalho, assessor do CEI; Maria Euny Herrera Masotti, colaboradora da FEB; Olivier Geneviève, um dos colaboradores para a edificação do monu-

mento; e Gilles Fernandez, Presidente do *Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec*.

Em sua saudação, Roger Perez fez uma síntese biográfica do cidadão lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mundialmente conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, destacando que a homenagem “*representa moral e espiritualmente a marca do reconhecimento do outro lado da vida do pedagogo ilustre que foi Allan Kardec*”, e fez referência à expansão da Doutrina Espírita pelo mundo, com destaque ao Movimento Espírita do Brasil. Enfatizou que nas obras de Allan Kardec se encontra “*um sólido apelo para a paz, harmonia e a solidariedade universal*”.



Em seguida, manifestou-se o representante do Prefeito de Lyon, que enalteceu a oportunidade da inauguração do monumento em homenagem a Allan Kardec e projeção do trabalho do importante cidadão de Lyon.

Nestor João Masotti, contando com a tradução imediata de Charles Kempf, enfatizou os laços que a França mantém com o Movimento Espírita mundial, europeu e internacional, e cumprimentou os espíritas franceses pela iniciativa do monumento em memória a Kardec.

No final da cerimônia, a pedido de um espírita lionês, Maria Euny H. Masotti depositou uma rosa branca, tendo um laço com a frase “*Hors la charité, point de salut*” (Fora da caridade não há salvação), junto à base do monumento.

A convite de Roger Perez, os presentes atravessaram a avenida e se encaminharam até às margens do rio Rhône, junto ao *Quai*, onde puderam conhecer a placa ofertada pelos espíritas de Niterói (Brasil) e já fixada no muro de pedra.

Na oportunidade, Olivier Geneviève informou que o medalhão em bronze do monumento há pouco inaugurado foi fundido em Niterói. Aproveitou para explicar que a pedra de granito utilizada no monumento, em forma de “menhir” (monumento megalítico constituído de um só bloco de pedra vertical), é um símbolo druídico que representa o nascimento, enquanto o dólmen erigido no Cemitério do Père-Lachaise significa a desencarnação.

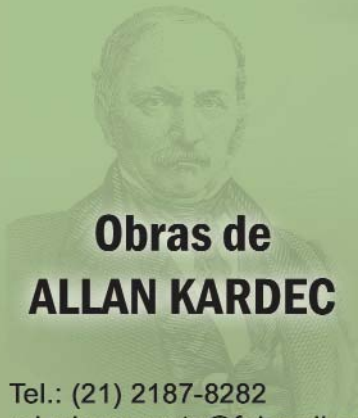
Após a cerimônia, todos foram convidados por Gilles Fernandez e Catherine Perrinet para acompanhar o diálogo fraterno com Nestor



Monumento a Kardec na esquina da Quai Docteur Gailleton com a Rue Sala (onde nasceu Kardec)

João Masotti, nas dependências do *Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec*, em Bron, onde predominaram as perguntas sobre o Movimento Espírita internacional e do Brasil.

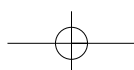
Pierre Etienne Jay e Charles Kempf atuaram como tradutores. Finalizando as atividades do dia, houve momento de confraternização e de lanche no referido Centro. ■



**Obras de
ALLAN KARDEC**

Tel.: (21) 2187-8282
relacionamento@febrasil.org.br - www.febnet.org.br



PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

de 23 de setembro de 1863

Crônica de Paris

A propósito dos espectros dos teatros, assim concluiu o correspondente, depois de haver feito o seu histórico:

“Assim, no próximo inverno, cada um poderá brindar seus amigos com o espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. À sobre-mesa apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envoltos em seus sudários, os espectros modernos, substituindo as antigas canções que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em vez de refrescos, desfilarão fantasmas. Que distração encantadora! Só de pensar a gente se arrepiava.”

Depois o autor passa ao Espiritismo:

“Já que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos*. Que título atraente! que mistérios não oculta! E se voltarmos ao ponto de partida, que caminho não percorreram essas idéias nos últimos anos! — No começo esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam numa simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje as

mesas não se contentam mais em girar, saltar, erguer-se num pé, fazer mil piruetas; vão mais longe: falam! Quando digo: falam, é que têm um alfabeto próprio e, mesmo, vários. Basta dirigir-lhes uma pergunta e logo é dada a resposta por pequenas batidas seguidas, com o pé, ou por meio de um lápis que, seguro pela mão, põe-se a traçar, no papel, sinais, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida. Então a mão se torna um simples instrumento, um mero porta-lápis, e o Espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

“O Espiritismo — é assim que chamam a ciência desses fenômenos — em poucos anos fez grandes progressos nos fatos e na prática; mas a teoria, em minha opinião, não fez o mesmo caminho, ficou estacionária e direi por quê.

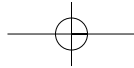
“É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e nos enganar, que os fatos existem. Não só se revelam por meio das mesas, mas, também, se nos apresentam todos os dias e a todas as horas. Excitam a admiração de todos, mas cada um fica nisto. Por exemplo:

“Duas pessoas concebem a

mesma idéia ou se encontram simultaneamente na mesma palavra; alguém que não encontramos com frequência e em quem acabamos de pensar apresenta-se inopinadamente; batem à nossa porta e, a despeito de nada vir de fora que nos indique a pessoa, adivinhamos quem é; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo. Tudo isto pode ser atribuído ao acaso? Não; não pode ser o acaso em caso algum. E por que não seria uma comunicação fluídica, inapreciável à nossa organização material, enfim um sexto sentido de natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é visível, nem ponderável, nem tangível e, todavia, cheios de convicção como estamos, afirmamos a sua existência.

“Qual a natureza do agente elétrico? O que é o ímã?... E, contudo, os efeitos da eletricidade e do magnetismo estão sempre patentes aos nossos olhos. Estou convencido de que um dia se dará o mesmo com o Espiritismo, ou seja qual for o nome que a ciência, em última instância, haja por bem lhe dar.

“Desde algum tempo tenho visto numerosos casos de catalepsia,



de magnetismo, de Espiritismo e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e os atribuir a esta ou àquela causa. Assim, é necessário proceder com prudência e reserva de opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou negar todos os fatos, ou submetê-los todos a uma teoria prematura.

“A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria ainda está por descobrir: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja algo de singular e digno de ser examinado nesta idéia que agitou o mundo inteiro e que reaparece com mais intensidade que nunca, nessa idéia que tem os seus órgãos periódicos, seus anais de observação e que tem emocionado os espíritos na Áustria, na Itália e na América, fazendo nascerem reuniões na França, país onde elas raramente se formam, e onde o governo dificilmente as tolera.

“Esta invasão geral, além de produzir uma viva impressão, tem altíssima importância. É necessário, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar esses fenômenos com boa-fé, até que venham a ser explicados, o que será feito um dia, se a Deus aprouver nos revelar a natureza desse agente misterioso.”

Como se vê, o autor não é muito adiantado; mas, pelo menos, não julga o que não sabe. Reconhece a existência dos fatos e sua causa primeira, mas desconhece seu modo de produção. Ignora os progressos da parte teórica da ciência e, a respeito, dá um conselho muito sábio: o de não fazer teorias arriscadas, como no começo dos fenômenos muitos se apressaram em fazer,

em que cada um se desdobrava para os explicar à sua maneira. Assim, a maioria desses sistemas prematuros caiu por efeito de experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje possuímos uma teoria racional, na qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese*; tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos. Pode dizer-se que, a tal respeito, o Espiritismo tem sido estudado à maneira das ciências exatas.

Negada ontem, esta ciência não disse tudo; ao contrário, ainda resta muita a aprender. Mas disse bastante para ser fixada em bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais. Foram qualificados como sobrenaturais e maravilhosos por falta de conhecimento da lei que os rege, como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Na-

tureza. Dando a conhecer esta lei, o Espiritismo restringe o círculo do maravilhoso, ao invés de o ampliar. Dizemos mais: ele lhe desfecha o último golpe. Os que falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com satisfação que a idéia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes, fervorosos e devotados. A pequena brochura *O Espiritismo em sua expressão mais simples*, publicada em português, muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – julho de 1864, p. 286-290, tradução de Evandro Noleto Bezerra – Ed. FEB.

Perdão e Paz

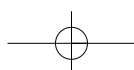
Corydes Monsores

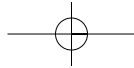
Quem busca a paz negando-se ao perdão,
nega a si mesmo, em grande incoerência,
pois conflitando a própria consciência
não abrirá, jamais, o coração.

Tanto o perdão que busca a conveniência
quanto a paz que se exime do perdão,
são frutos enganosos dos que estão
ainda afastados da benevolência.

Só pode a paz um coração sereno
que, de misericórdia, estará pleno
se conscientizado no perdão.

Quando a chama do ódio se desfaz
o perdão, de mãos dadas com a paz,
ao homem facilita a evolução.





Repensando Kardec

Da Lei de Igualdade

(O Livro dos Espíritos, questões 803 a 824)

Inaldo Lacerda Lima

De vinte e duas questões nos ocuparemos neste estudo em torno do capítulo IX da Parte 3ª de *O Livro dos Espíritos*. A *Revista Espírita* de outubro de 1861 registra o Banquete oferecido a Allan Kardec em Lyon, no dia 19 de setembro de 1861, no qual é lida a Epístola do Espírito Erasto, em que, referindo-se às palavras de Jesus “Dai a César o que é de César”, afirma Erasto: “Pois bem, espíritas! a igualdade proclamada pelo Cristo, e que nós mesmos professamos nos vossos grupos amados, é a igualdade perante a justiça de Deus, isto é, nosso direito, conforme nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e um dia atingir os mundos avançados, onde reina a perfeita felicidade.” (2. ed. FEB, p. 441.)

Com esse mesmo conceito de igualdade, analisemos as questões a que se refere o capítulo em estudo.

Igualdade natural (questão 803 do mestre Kardec): “Perante Deus, são iguais todos os homens?” Res-

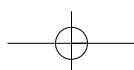
pondem os Espíritos Reveladores: “*Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos.*” E o Codificador comenta, concluindo que “(...) Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais”.

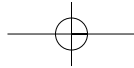
Desigualdade das aptidões (questões 804 e 805): Às indagações de Kardec – “Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?” e “Passando de um mundo superior a outro inferior, conserva o Espírito, integralmente, as faculdades adquiridas?” – dão-lhe os Espíritos as seguintes respostas para nossas reflexões: “*Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, consequentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus de experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio.*” E continuam, para melhor esclarecimento: “*Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas.*” Isto se nos afigu-

ra naturalmente óbvio. Esclarecem, finalmente, que “*(...) sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo para vos dar o exemplo.*”

Quanto à segunda indagação, respondem com clareza: “*Sim, já temos dito que o Espírito que progrediu não retrocede. Poderá escolher, no estado de Espírito livre, um invólucro mais grosseiro, ou posição mais precária do que as que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.*” Kardec, em seu comentário, confirma que “assim, a diversidade das aptidões entre os homens não deriva da natureza íntima da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que tenham chegado os Espíritos encarnados (...)”. Ou seja, deriva da responsabilidade e conquista de cada um!

Desigualdades sociais (questões 806 e 807): O Codificador indaga se “é lei da natureza a desigualdade das condições sociais” Eis a resposta: “*Não; é obra do homem e não de Deus.*” E busca melhor





entendimento ao perguntar se algum dia tal desigualdade desaparecerá. Eles respondem: *“Eternas somente as leis de Deus o são. Não vêes que dia a dia ela gradualmente se apaga? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento.”*

Na questão seguinte, pergunta Kardec a respeito do que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais em proveito próprio e oprimindo os fracos. Os Mensageiros do Cristo respondem, numa expressão de advertência: *“Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.”* Kardec nos sugere reler o que se encontra expresso na questão 684, já estudada.

Desigualdade das riquezas (questões 808 a 813): Pergunta, agora, Allan Kardec: *“A desigualdade das riquezas não se originará das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais meios de adquirir bens do que outros?”* Eles respondem: *“Sim e não. Da velharia e do roubo, que dizes?”* Kardec contemporiza: *“Mas, a riqueza herdada, essa não é fruto de paixões más.”* Atentemos nesta resposta: *“Que sabes a esse respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre é pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça?”* E salientam: *“Mesmo, porém, sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam sentimentos*

louváveis? Isso o que Deus julga e eu te asseguro que o seu juízo é mais severo que o dos homens.”

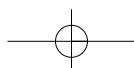
Prosseguindo o assunto, indaga ainda Kardec (questão 809) se *“aos que, mais tarde, herdaram uma riqueza inicialmente mal adquirida, alguma responsabilidade cabe por esse fato”*. Os Espíritos respondem: *“É fora de dúvida que não são responsáveis pelo mal que outros haviam feito, sobretudo se o ignoram, como é possível que aconteça. Mas, fica sabendo que, muitas vezes, a riqueza só vem ter às mãos de um homem, para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende!”* Eis o porquê da reencarnação...

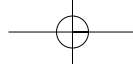
Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, e não corraís atrás de quimeras

Neste mundo nada é nosso, nada nos pertence. Justo é fazer da riqueza que nos vem às mãos um bem útil, sobretudo à sociedade, colocando-nos na posição de administradores, gerando empregos e proporcionando, assim, bem-estar social, contribuindo para diminuir os desconfortos das desigualdades sociais. Em resposta à questão 810, afirmam os Espíritos Superiores que *“toda ação produz seus frutos; todos são os das boas ações, amargos sempre os das outras. Sempre, entendi-o bem”*.

Insiste Kardec (questão 811): *“Será possível e já terá existido igualdade absoluta das riquezas?”* Vejamos a resposta segura deles: *“Não; nem é possível. A isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres.”* Kardec, porém, redargue que há homens que julgam ser esse o remédio aos males da sociedade. E indaga, ainda, sobre o que pensam a respeito. Não vamos reproduzir toda a resposta, mas registrar que para eles, os homens são sistemáticos, ambiciosos e cheios de inveja. E advertem ao final: *“Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, e não corraís atrás de quimeras.”*

Nas questões seguintes (812 e 813), Kardec quer saber se, não sendo possível a igualdade das riquezas, o mesmo se dá com o bem-estar social e se será possível que todos venham a entender-se. Observemos como lhe responderam os Mensageiros da Espiritualidade, esclarecendo-nos: *“Não; mas o bem-estar é relativo e todos poderiam dele gozar, se se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente.”* Quanto à possibilidade de todos se entenderem, um dia: Sim, *“quando praticarem a lei de justiça”*. Finalmente, na questão (813), ao afirmar o Codificador que *“há pessoas que, por culpa sua, caem na miséria”*, indaga se *“nenhuma responsabilidade caberá disso à sociedade”*, ao que respondem: *“Mas, certamente. Já dissemos que a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa.”* E explicam que tem ela o dever de velar





pela educação moral dos seus membros, pois *“é a má-educação que lhes falseia o critério, ao invés de sufocar-lhes as tendências perniciosas”*. Aqui mesmo, em nosso país, vemos o desinteresse pela educação social!

As provas da riqueza e da miséria (questões 814 a 816): Vejamos estas três importantes questões: 1) “Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?” 2) “Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?” 3) “Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem?” Eis como foram respondidas: Em primeiro lugar, *“(...) essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência”*; para experimentá-los de modos diferentes é que Deus as concede. Ambas são provas terríveis, pois *“(...) a miséria provoca queixas contra a Providência”* enquanto *“a riqueza incita a todos os excessos”*. Kardec está correto ao lembrar que o rico, embora sujeito a maiores tentações, “dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem”. Respondem os Mensageiros: *“Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.”* Daí, em seu comentário ao término do assunto, salientar o Codificador que a alta posição e a autoridade são provas tão grandes e escorregadias como a própria desgraça! O que nos leva a discernir, do ponto de vista espiritual, que a miséria é

preferível à riqueza assessorada pelo poder.

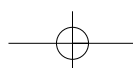
Igualdade dos direitos do homem e da mulher (questões 817 a 822): Como resumir assunto de cunho tão fundamental? Tentemos. São iguais realmente perante Deus o homem e a mulher. *“Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”* perguntam os Espíritos. Quanto à inferioridade moral da mulher em alguns países, decorre, entendem eles, *“do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem”* imperfeito e atrasado, para quem *“a força faz o direito”*. O atraso do homem nesses países não lhe permite entender o porquê apresentar-se a mulher mais fraco do que ele, fraqueza apenas aparente na ordem física! Afirmam os Benfeitores que ambos, a mulher e o homem, foram criados por Deus para se ajudarem mutuamente e suportar, juntos, as provas de uma existência de amargores, não no sentido de dependência um do outro, mas unidos na ordem dos valores de que ambos dispõem.

As funções a que é destinada a mulher têm, realmente, características por vezes bem acima das que são destinadas ao homem. Em resposta à questão 822, informam os Espíritos Superiores que *“o primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem”*. Acrescentam, ainda, que *“todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. (...) Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos”*. E mais, a ignorância não permite a esses homens entenderem que o Espírito não tem sexo; de modo que um mesmo Espírito po-

de encarnar como homem ou como mulher!...

Igualdade perante o túmulo (questões 823 e 824). Indaga Allan Kardec: “Donde nasce o desejo que o homem sente de perpetuar sua memória por meio de monumentos fúnebres?” A resposta da Espiritualidade é incisiva: *“Último ato de orgulho”*. E quando o Codificador argumenta, na mesma questão, que a suntuosidade dos túmulos não é do defunto mas dos parentes, eles, os Espíritos, ratificam: *“Orgulho dos parentes, desejosos de se glorificarem a si mesmos.”* E exclamam: *“Oh! sim, nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações.”* O Codificador, encerrando o capítulo em estudo (questão 824), pergunta: “Reprovais então, de modo absoluto, a pompa dos funerais?” Atentemos na resposta, bem como no comentário preciso de Kardec, em seguida: *“Não; quando se tenha em vista honrar a memória de um homem de bem, é justo e de bom exemplo.”* E Kardec: “O túmulo é o ponto de reunião de todos os homens. Aí terminam inelutavelmente todas as distinções humanas. Em vão tenta o rico perpetuar a sua memória, mandando erigir faustosos monumentos.” (...) E conclui, em seu comentário, que “a pompa dos funerais não o limpará das suas torpezas, nem o fará subir um degrau que seja na hierarquia espiritual”. Kardec sugere ler (com bastante proveito intelectual e moral), as questões 320 e seguintes (do capítulo VI, da Parte 2ª, que trata de **Comemoração dos mortos. Funerais.**)

Eis, leitor amigo e espiritista, a importância auto-educacional de ler e repensar Kardec! ■



SEARA ESPÍRITA

USE-SP: Encontro Estadual de Educadores

Será realizado em Ribeirão Preto (SP), nos dias 17 e 18 de setembro próximo, o Encontro Estadual de Educadores da Infância e Juventude, promovido pelo Departamento da Infância da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, organizado pelo Departamento da Infância da USE Intermunicipal de Ribeirão Preto e voltado para o estudo e as práticas pedagógicas que orientam as atividades dos educadores da infância. O evento ocorrerá no Sanatório Vicente de Paulo (Rua Pará, 1280 – Bairro Ipiranga) e espera receber 250 participantes, das casas espíritas e órgãos de unificação do Estado de São Paulo.

Paraná: Encontros Inter-Regionais

A Federação Espírita do Paraná prossegue com o seu novo ciclo das Inter-Regionais, cuja programação compreende a realização de um Seminário Geral e quatro Seminários Setoriais, das Áreas Administrativa/Institucional, Doutrinária/Difusão, Infância e Juventude, e Serviço de Assistência Espírita.

A **Inter-Regional Noroeste** ocorreu no dia 12 de junho, em Paranavá, com abrangência das UREs sediadas em Maringá, Paranavá, Umuarama e Campo Mourão.

A **Inter-Regional Oeste** está programada para Pato Branco, dia 3 de julho corrente, na Faculdade de Pato Branco (FADEP), e reúne as cidades pertencentes às UREs de Cascavel, Foz do Iguaçu e Pato Branco.

Porto Rico: Movimento Espírita

O Movimento Espírita porto-riquenho a cada dia se consolida mais. Já existem seis instituições voltadas ao estudo do Espiritismo no país; na parte de imprensa há um órgão de divulgação doutrinária, a *Revista Unión Espiritista*, editada pela *Unión Espiritista – Escuela de Consejo Moral de Puerto Rico*. Endereço postal da *Unión*: P.O. Box 360592 San Juan – Porto Rico – 00936-0592 – Telefone (787) 751-4872. (SEI.).

R. G. do Sul: Seminário sobre Infância e Juventude

O Ministério Público do Rio Grande do Sul promoveu em Porto Alegre, no dia 16 de abril, o seminário

“Infância e Juventude numa Visão Jurídico-Espírita”, em ação conjunta com a Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul. O evento ocorreu no auditório do Palácio do Ministério Público e foi uma consequência direta das intervenções que os espíritas têm feito na área jurídica, mostrando a interpretação da Doutrina com relação aos fatos da atualidade. Diversas autoridades do Judiciário e do Ministério Público Estadual e Federal estiveram presentes, além de grande público. (*Diálogo Espírita*.)

Minas Gerais: Encontro de Trabalhadores

Realizou-se no dia 3 de abril o III Encontro dos Trabalhadores da União Espírita Mineira, com a presença de diretores, conselheiros, departamentos/setores, diretores de reuniões, funcionários e voluntários daquela federativa. No Encontro houve a apresentação do *site* da UEM e foram abordados diversos assuntos, entre os quais as atribuições da COMAP – Comissão de Apoio à Diretoria –, criada para dar suporte aos departamentos junto à Diretoria. Foram mencionadas as campanhas aprovadas pelo Conselho Federativo Nacional, da FEB: *Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construímos a Paz Promovendo o Bem!* Faltou, no encerramento, o Presidente Honório Onofre de Abreu, que abordou assuntos atinentes à UEM.

Itália: Estudo sobre o homem espírita

A *Associazione Sentieri dello Spirito* (Associação Caminhos do Espírito), de Milão, promoveu, no dia 9 de maio, um estudo sobre o tema *O homem espírita*, cuja exposição coube a Elsa Rossi, Secretária da Coordenadoria de Apoio ao Movimento Espírita na Europa, do Conselho Espírita Internacional. Informações: Telefone 328-00776557; correio eletrônico sentieridellospirito@infinito.it

Bélgica: Simpósio espírita

A *Union Spirite Belge* (União Espírita Belga) realizou, no dia 14 de maio, o seu 6º Encontro, com o tema *O trabalho fundamental dos Centros Espíritas*. O evento ocorreu em sua sede social, onde está em funcionamento a *Fédération Spirite de la Province de Liège*.